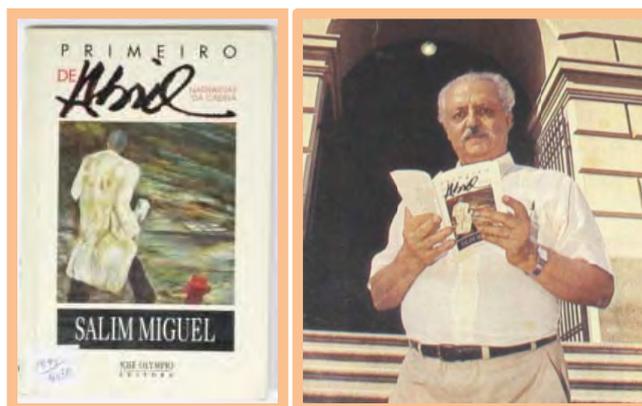


**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Notícias, documentos relacionadas ao livro:
Primeiro de Abril

Organização e digitalização:
Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai Jordanou , Jonathan Rodrigues
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Número	Referências
001	SALIM, a vanguarda aos 70. O Estado . Florianópolis, 25 abr.de 1994. Lazer, p. 7
002	HISTÓRIAS de Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 26 abr. de 1994. Variedades, p. 2
003	FRANCISCO, Severino. Relatos feitos no escuro de uma cela. Jornal de Brasília . Brasília, 05 maio de 1994. Livros/ Lançamentos, p. 6
004	FAJARDO, Elias. Entre a confissão e a ficção da cadeia. O Globo . Rio de Janeiro, 15 maio de 1994. Livros, p. 6
005	WINK, Alexandre. Romance conta tudo sobre ditadura. Zero . Florianópolis, 16 maio de 1994. n. 6, ano 11. p. 5,
006	DALCASTAGNE, Regina. Atrás das grades. Correio Brasiliense . Brasília, 29 maio de 1994
007	MEMÓRIAS. A Tarde . Salvador, 22 jun. de 1994. Livros & Revistas
008	As Narrativas de Salim Miguel na cadeia. (Folha solta digitada)
009	BRITO, Osvaldo Lopes de. Primeiro de Abril. O Diário . [s.l., sem data)
010	CONVITE. Lançamento do Livro Primeiro de Abril. Florianópolis, 1994.
011	SALGAGO, Rogéria. Dicas Literárias. Fato Popular . Recorte de jornal sem data e sem local de publicação.
012	48 Dias. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 10 out. de 1992. Idéias/Livros & Ensaios
013	CULTURA (2). O Estado . Florianópolis, 07 jan. de 1994. p. 4
014	LIVROS E CIA. fev./mar.de 1994
015	PRIMEIRO de Abril. Diário do Comércio . São Paulo, 29 fev. de 1994
016	WOSGRAUS, Juliana. Foto Salim Miguel e Eglê Malheiros. A Notícia . Florianópolis, 13 mar.de 1994. Anexo, p. 6
017	STURDZE, Fávio de. Surpresa e carreata na capital. Diário Catarinense . Florianópolis, 31 mar. de 1994. Diário Especial, p. 16
018	PRIMEIRO de Abril: narrativas da cadeia. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 02 abr. de 1994. Idéias/Livros, p. 3
019	GOMES, Osmar. Prisão de Salim Miguel em 64 rende livros sobre golpe: diretor de Franklin Cascaes lança livro dia 26 de abril. A Notícia , Florianópolis, 23 abr. de 1994. Variedades
020	INFORME José Olympio. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 09 abr. de 1994. Idéias/ Livros, p. 3
021	ESTANTE. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 abr. de 1994, p. 4
022	PRIMEIRO de Abril. Diário Catarinense , Florianópolis, 17 abr. de 1994, p. 4
023	SALIM. O Estado , Florianópolis, 20 abr. de 1994. Informação Geral, p. 4
024	SÍMBOLO da intelectualidade catarinense. A Notícia , Florianópolis, 21 abr. de 1994. Variedades, p. 36
025	VIEIRA, João Carlos. Salim Miguel. A Notícia . Florianópolis, 22 abr. de 1994

026	EDITORAS. Diário Catarinense , Florianópolis, 24 abr. de 1994. p. 3
027	FLORIANÓPOLIS. Diário Catarinense , Florianópolis, 24 abr. de 1994. Agenda
028	LANÇAMENTOS. Folha de São Paulo . São Paulo, 24 abr. de 1994. Livros, p. 6
029	PRIMEIRO de Abril. Folha de São Paulo . São Paulo, 24 abr. de 1994. Caderno Mais
030	Salim . O Estado . Florianópolis, 24 abr. de 1994. Informação Geral
031	Diário de cadeia. UFSC - Jornal Universitário . Florianópolis, 25 abr. de 1994, p. 6
032	EXPRESSAS. Diário Catarinense . Florianópolis, 25 abr. de 1994. Visor
033	PERSONA. O Estado . Florianópolis, 25 abr. de 1994. Laze, p. 8
034	MENESES, Cacau. Memórias. Diário Catarinense , Florianópolis, 25 abr. de 1994. Coluna Cacau Meneses
035	Lançamento de livro. O Estado . Florianópolis, 26 abr. de 1994. Lazer, p. 14
036	LIVRO relata passagem pela prisão: décima segunda publicação de Salim Miguel é baseada em fatos reais, mas é ficção. A Notícia . Florianópolis, 26 abr. de 1994. Variedades, p. 35
037	Miro. O Estado . Florianópolis, 29 abr. de 1994. Lazer, p. 13
038	A GEOGRAFIA do medo. O Estado do Maranhão . Maranhão, 01 maio de 1994.
039	A NOVIDADE da José Olympio: primeiro de abril, de Salim Miguel. João Pessoa, 01 maio. de 1994
040	NOVO Romance. Jornal de Brasília . Brasília, 01 maio de 1994. Caderno 2p. 2
041	Primeiro de Abril. Estado de Minas . Belo Horizonte, 02 maio de 1994
042	LIVRO. Correio Brasiliense . Brasília, 03 maio de 1994. Roteiro, p. 5
043	FICÇÃO. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 07 maio de 1994. Idéias/Livros, p. 3
044	LANÇAMENTOS. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 07 maio de 1994. Idéias/Livros, p. 3
045	NEVES, Cesar Tartaglia e Tânia. Pessoas. O Globo . Rio de Janeiro, 11 maio de 1994. Cultura, p. 10
046	. Primeiro de abril. D. O. Leitura . São Paulo, 12 maio de 1994.
047	PONTES, Mario Pontes. Memórias dos outros. Rio Artes . Rio de Janeiro, n. 13, ano 3, 13 maio de 1994. Crítica, p. 31,
048	REGISTRO. Correio das Artes . João Pessoa, 15 maio de 1994, p. 2
049	SENA, Carla. Memórias tristes. O Fluminense . Niterói, 24 maio de 1994
050	NARRATIVAS da cadeia. Jornal do MEC . Brasília, jun. de 1994. Livros, p. 14
051	MENEZES, Carlos. Novo de Salim Miguel, 04 out .de 1994. Livros, p. 07. Recorte de jornal sem nome do jornal.
052	POLO, Marco. Documentando os porões do golpe. Jornal do Comércio . Recife, 24 jul. de 1994. p. 8
053	SOMMER, Vera. Identidade catarinense em letras. Diário Catarinense . Florianópolis, 05 dez. de 1994. Idéias

054	LIVROS - Salim. O Estado . Florianópolis, 07 dez. de 1994. Lazer
055	PRIMEIRO de Abril. Recorte de jornal sem data e sem nome
056	ROCHA, José Olympio. No cárcere, preplexo. A Tarde Cultural . Salvador, 31 dez. de 1994. p. 9
057	O ROMANCE da tortura. Manchete . Rio de Janeiro, n. 2199, 28 maio de 1994. p. 38
058	CONVITE. Lançamento do Livro Primeiro de Abril. Brasília, 05 de maio de [1994]
059	GOMES, Osmar. Sem gosto de vingança. A Notícia . Florianópolis, 24 abr. de 1994. Anexo, p. 4
060	DAMIÃO, Carlos. 64: os anos de chumbo em Santa Catarina. O Estado . Florianópolis, 25 abr. de 1994. Lazer, p. 7
061	DALCASTAGNE, Regina. As memórias do cárcere da ditadura. Correio Brasiliense . Brasília, 05 maio de 1994. p. 6
062	PRIMEIRO de abril. Diário da Grande ABC . São Paulo, 23 de julho de 1994
063	FOTO SALIM
064	JAMUBNDÁ, Theobaldo Costa. Carta para Salim Miguel . Blumenau 28 de maio de 1994.
065	PONTES, Mario. Carta para Salim Miguel . Rio de Janeiro outubro de 1994
066	RESENHA Primeiro de Abril: Narrativas da cadeia. Folhas soltas, sem autoria e sem data.
067	ZOKNER, Cecília. A fogueira. 21 de jan. de 2006. 02 p.

Salim, a vanguarda aos 70

Salim Miguel é um dos mais importantes nomes da literatura catarinense. Com 70 anos de idade, libanês criado em Biguaçu desde os três anos, é ativo militante da causa cultural desde a década de 40. O "Turco", como é conhecido entre os amigos, foi sempre um incentivador das novas gerações, tanto aqui como no resto do país. É tão jovem, aos 70, que tem todo o pique necessário para dirigir o principal órgão dedicado à cultura em Florianópolis, a Fundação Franklin Cascaes.

Jornalista por formação profissional e escritor por absoluta convicção, Salim passou pelos mais importantes veículos de comunicação do país, entre os quais a revista *Manchete*, o *Jornal do Brasil* e o *Correio do Povo*. Foi redator de *O Estado* na década de 40 e colaborador deste jornal — na área cultural — por mais de 20 anos. Teve, também, atuação destacada na antiga Agência Nacional (hoje Agência Brasil), vinculada ao governo federal.

No plano cultural, integrou na década de 50 o Grupo Sul, que revolucionou a literatura, o teatro e as artes plásticas em Santa Catarina, trazendo para o estado, com quase 30 anos de atraso, os bons ventos do Movimento Modernista.

Teve participação de relevo

PRIMEIRO

Abril



SALIM MIGUEL

JOSE OLYMPIO
LIT. CAT.

na revista *Ficção* — que fundou e dirigiu, junto com Eglê Malheiros, Cícero Sandroni, Laura Sandroni e Fausto Cunha — e na editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi sob sua responsabilidade, no período de 1983 a 1991, que a *Edufsc* ganhou impulso e transformou-se numa das principais iniciativas do gênero no país.

Entre suas obras de ficção destacam-se as antologias de contos "Velhice", "Alguma Gente", "As Areias do Tempo" e os romances "Rede", "A Voz Submersa" e "A Vida Breve de Sezefredo das Neves".

Ligado ao cinema, foi roteirista (com Eglê Malheiros), do primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina, "O Preço da Ilusão" (1957). (CD)

Histórias de Salim Miguel

Escritor catarinense já tem registradas as suas memórias do cárcere na época da repressão na década de 60 no Brasil

Chegou a hora de conhecer uma parte da história de Santa Catarina que não estava registrada em nenhum livro. Pela primeira vez, fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, é mostrada a história de quem ficou preso durante o Golpe de 1964 que levou os militares ao poder. Salim Miguel, escritor que nasceu no Libano, mas iniciou sua carreira em Biguaçu, segue o exemplo de Graciliano Ramos e conta as agruras de quem ficou preso no livro *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia*.

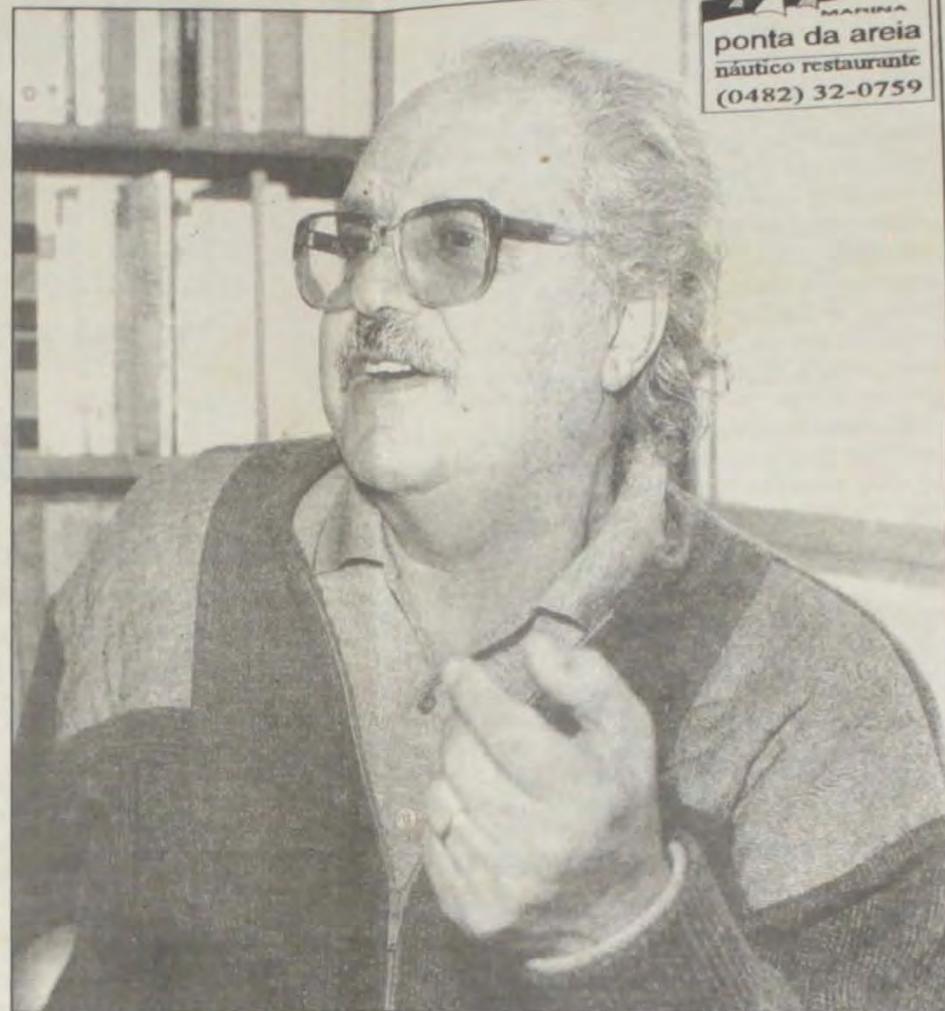
A obra será lançada hoje, às 20h30min, no restaurante Reçaka. Ao justificar o motivo de deixar o livro para ser lançado apenas agora, o autor diz que neste ano além dele comemorar 70 anos faz 30 anos que ocorreu o Golpe de 64, duas datas significativas em sua vida. "Eu cos-

tumo deixar as coisas dormindo no tempo. Depois que me aposentei passei a tabalhar literariamente os escritos que eu tinha da época da prisão".

Todos os fatos, segundo Salim Miguel, aconteceram e foram retrabalhados inclusive coisas que aconteceram fora da cadeia. Dentre os episódios ele conta que um dos colegas de prisão disse que a livraria de um tal de Salim tinha queimado. Ele teve duas surpresas: a primeira que ele era o Salim e a outra que já não tinha a livraria há cinco anos.

Com livros publicados anteriormente por outras editoras de renome nacional, Salim Miguel é um dos nomes mais expressivos da literatura catarinense sendo reconhecido em todo o Brasil pela sua contribuição às artes. Principalmente aqueles que moram em Florianópolis ou que viveram naquela época sob a tutela do regime militar irão lembrar de passagens ocorridas naquela época ao lerem o livro. Meticuloso, Salim dá a lista de quem foi preso junto e conta com uma linguagem simples fatos que ele viveu ou presenciou.

Talento reconhecido



MAPINA
ponta da areia
náutico restaurante
(0482) 32-0759

LUIZ MACHADO/Arquivo DC

Um dos principais autores de SC lança novo livro por uma editora nacional

■ OBRAS

□ Romances

- ★ *Rede*, Florianópolis, Editora Sul, 1955
- ★ *A Voz Submersa*, São Paulo, Global, 1954
- ★ *A Vida Breve de Sezefredo das Neves*, poeta, Tche, Porto Alegre, 1987
- ★ *O primeiro gosto*, Porto Alegre, Movimento, 1973
- ★ *A morte do tenente e outras mortes*, Rio de Janeiro, Antares, 1979
- ★ *Dez Contos Escolhidos*, Brasília, Horizonte, 1985
- ★ *As areias do tempo*, São Paulo, Global, 1988

□ Contos

- ★ *Velhice e outros contos*, Florianópolis,

Editora Sul, 1951

- ★ *Alguma Gente*, Florianópolis, Editora Sul, 1953

□ Crítica

- ★ *O Castelo de Frankstein*, Florianópolis, Lunardelli/UFSC, 1986
- ★ *O Castelo de Fankstein - Volume 2*, Lunardelli/UFSC, 1990

□ Organização

- ★ *A Ponte*, Florianópolis, Editora Sul, 1954
- ★ *Contistas novos de Santa Catarina*, Florianópolis, Editora Sul, 1954
- ★ *Centenário de Cruz e Sousa: interpretações*, Florianópolis, Comissão Especial do

Centenário, 1961

- ★ *Este mar catarina*, Florianópolis, UFSC, 1983
- ★ *Este humor catarina*, Florianópolis, Lunardelli, 1985

□ Coletâneas e Antologias

- ★ *Pinheirais e marinhas*, São Paulo, Cultrix, 1959
- ★ *Antologia do novo conto brasileiro*, Rio de Janeiro, Júpiter, 1964
- ★ *Panorama do conto catarinense*, Porto Alegre, Movimento, 1974
- ★ *Assim escrevem os catarinenses*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1976
- ★ *Contistas e cronistas catarinenses*, Florianópolis, Lunardelli, 1979
- ★ *O erotismo no conto brasileiro*, Rio de

Janeiro, Civilização Brasileira, 1980

- ★ *21 dedos de prosa*, Florianópolis, Cambirela, 1980
- ★ *O chalet da praça XV*, Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1982
- ★ *A posse da terra*, Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985
- ★ *Die Admiralsnacht*, Berlim, Aufbau-Verlag, 1972
- ★ *Sete contos setecentos*, volume 4, São Paulo, FTD, 1987
- ★ *Amor à brasileira*, São Paulo, Traço, 1987
- ★ *Mito, ontem e hoje*, Porto Alegre, UFRGS, 1987
- ★ *Numa ilha*, Florianópolis, Noa Noa/ Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993

Relatos feitos no escuro de uma cela

Ex-chefe da Agência Nacional, Salim Miguel, conta em *Primeiro de Abril* o pesadelo de ter passado 48 dias preso, há 30 anos

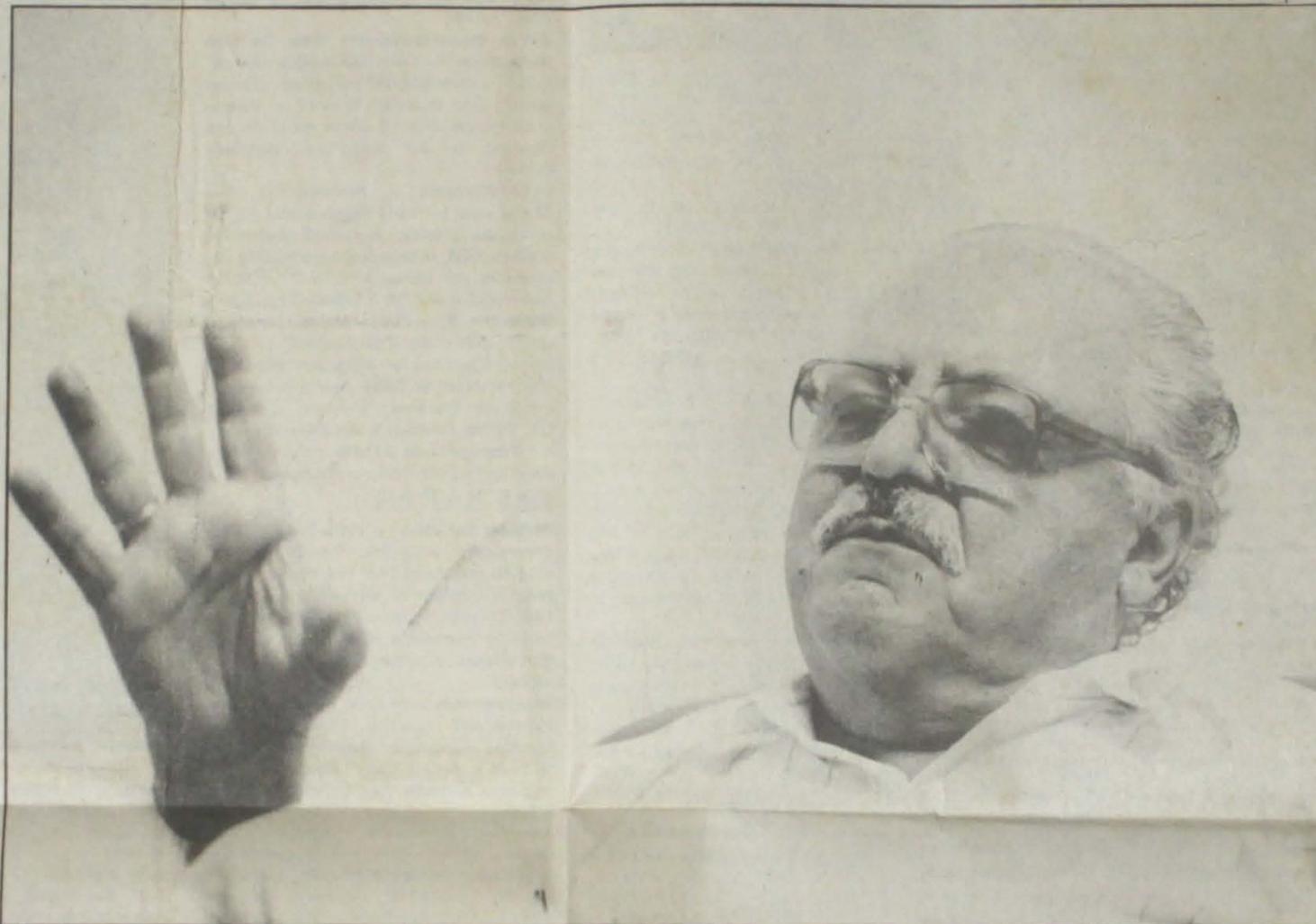
SEVERINO FRANCISCO

Arquivo

No dia 2 de abril de 1964, o escritor e jornalista catariense Salim Miguel, foi preso em Florianópolis. Então chefe do escritório da Agência Nacional (atual EBN) e funcionário da assessoria de comunicação do governo de Santa Catarina, Salim saiu do Palácio do Governo e atravessou uma praça para mandar uma mensagem pelos Correios. Na volta, resolveu passar no bar *Ponto Chic* para tomar um cafezinho com um amigo. De repente, percebeu que toda a área estava cercada por policiais. O comissário de polícia avisou que o secretário de Segurança queria falar com Salim. Tudo bem, mas o comissário corrigiu: "Você está detido para averiguações". Salim passou 48 dias na prisão. E, agora, 30 anos depois, ele evoca a sua passagem pelo cárcere e o impacto do golpe de 64 sobre Florianópolis, através da ficção *Primeiro de Abril* (Ed. José Olympio). O livro será lançado, hoje, a partir das 19h00, na Livraria Presença (102 Sul).

Embora sempre se inclinasse politicamente para a esquerda, Salim nunca havia se filiado a partidos. Apesar disso, era considerado um dirigente do partido comunista. Ele havia participado ativamente do movimento *Grupo Sul*, que promoveu uma agitação modernista, em 1947, portanto com mais de 20 anos de atraso, em relação à Semana de Arte Moderna de 22. Para completar o figurino de "subversivo", Salim cometera, ainda, o delito de ter sido dono de uma livraria, vendida cinco anos antes de estourar o golpe militar. Na prisão, como cada minuto tem o peso de um século, Salim lia um romance de quatro volumes em dois dias. Sobrava tempo vazio e ele começou a rabiscar anotações de um diário da prisão. Estas anotações formam a base das narrativas de *Primeiro de Abril*.

E por que Salim demorou 30 anos para resolver publicar as suas memórias do cárcere? Ele afirma que escritor e jornalista não garatujam nada de maneira inocente. No fundo, no inconsciente, se move o desejo de publicar os escritos algum dia: "E depois eu queria dar um depoimento, mas sem demonstrar a mágoa, que você sente naturalmente quando está dentro de uma situação como esta".



Salim Miguel: "A vida na prisão é marcada pela alternância de momentos de tensão e alegria"

Existem inúmeros depoimentos sobre o período de 64. Mas, segundo Salim, a singularidade do seu depoimento reside no fato de que ele revela, pela primeira vez, o impacto do golpe de 64 sobre uma cidade brasileira de pequeno porte. Na época, Florianópolis não tinha mais do que 50 mil habitantes: "Naquela época, Florianópolis era uma cidade onde todo mundo se conhecia e se encontrava nos bares. De repente, a cidade ficou dividida entre os que resistiam e os que apoiavam os militares. A partir daí, Florianópolis não foi mais a mesma. Depois que eu fui solto, amigos meus, de longa convivência nos bares, dobravam a esquina com medo de serem vistos comigo. E outras pessoas, que eu nem conhecia, faziam questão de tomar cafezinho comigo no *Ponto Chic*, para demonstrar que eu continuava sendo a mesma pessoa. Isto deve ter ocorrido em outras cidades bra-

sileiras na mesma época".

Embora todas as situações tenham uma base factual, Salim preferiu narrá-los de maneira ficcional, no que define de "novela desmontável". Os fatos reais foram capturados na trama da ficção. No final do livro, Salim publica uma lista com os nomes de todos os seus companheiros de cárcere: "Optei pela ficção porque acho que, do ponto de vista das memórias ou do depoimento, o período de 64 já havia sido explorado na linha dos livros do Gabeira. Mas o que está em jogo são fatos reais. Eu conto, por exemplo, a história de um sujeito que era agiota e havia sido preso porque uma pessoa que lhe devia dinheiro o denunciou como agitador. Ele suplicava ao oficial: eu não sou agitador, eu sou agiota. A vida na prisão é marcada pela surpresa e alternância de momentos de tensão, de alegria, de tristeza, muitas vezes, sem nenhuma razão aparen-

te. "A toda hora circulavam boatos de que seríamos transferidos ou colocados em um navio no mar".

Os acontecimentos de 64 provocam dois tipos de reflexão em Salim. A primeira é que os próprios militares ficaram surpresos com a facilidade com que conquistaram o poder no País. Havia uma lenda de que Jango tinha o povo e forças importantes do Exército mobilizadas a seu favor. A segunda é que por mais que esteja informado, ninguém consegue escapar da surpresa dos fatos: "A gente pensa que aquilo nunca vai acontecer com a gente. Eu era um assessor do governador Celso Ramos. Fui preso a 400 metros do palácio. De repente, eu estava trancado na prisão".

■ **PRIMEIRO DE ABRIL** — De Salim Miguel/Ed. José Olympio, 117 páginas. Lançamento, hoje, a partir das 19h00, na Livraria Presença (107 Sul).

Entre a confissão e a ficção da cadeia

ELIAS FAJARDO

PRIMEIRO DE ABRIL — NARRATIVAS DA CADEIA, de Salim Miguel. José Olympio Editora, 117 páginas, 10,70 URVs

A primeira cadeia ninguém esquece. Contudo, depois da libertação, expostos costumam ter atitudes (e caminham em direções) diferentes com relação à experiência. Alguns transformam-na em motivo de fanfarras ou mesmo em parte do currículo para conseguir oportunidades profissionais ou partidárias (quando a prisão foi política e a ditadura já acabou). Outros escondem-na como uma mancha (quando a cadeia foi criminal, por drogas ou o regime político que a ocasionou ainda está de pé).

Outros, finalmente, transformam-na em matéria de reflexão literária. Este é o caso de Salim Miguel, atual secretário de Cultura de Florianópolis e na época um intelectual já conhecido e redator da Agência Nacional. Preso durante 48 dias a partir de abril de 1964 na capital catariense, ele anotou rigorosamente tudo o que lhe aconteceu. Detrás das grades, viu passar mais de 60 presos políticos, soube do incêndio da livraria da qual fora sócio, acompanhou as angústias de sua mulher e filhos. E se angustiou ele próprio diante das

PRIMEIRO DE

Abri



SALIM MIGUEL

PRIMEIRO DE ABRIL

encruzilhadas vividas pelo país naquele momento. O resultado é "Primeiro de abril", romance curto, incisivo, bem escrito e que esquentou sobretudo depois da primeira metade. Se nas primeiras páginas o drama do escritor (e a sua escrita) não diferem muito de inúmeros outros já publicados, na segunda metade, sobretudo a partir do capítulo "Fragmentos/Perfis" ele dá uma contribuição mais marcante. Entre os tipos que o autor encontrou vendo o sol nascer quadrado, encontramos figuras curiosas como o marinheiro que se ressentia que a cela não balançava como um barco ou o fareleiro Santino Marçal, que recebia correspondência política e nem abria os pacotes: ia vender como papel velho para ganhar uns trocados. Mesmo assim, foi preso.

O melhor do livro é o capítulo "Diálogo". Nele está a literatura no que ela tem de mais instigante. Através de anotações e transcrições das discussões entre os presos, temos um painel expressivo das idéias que embasavam as diferentes posições políticas e existenciais da época. A linguagem enxuta e o sistema de cortes contribuem para causar mais impacto. Também são expressivas as dúvidas do autor ao longo do romance, perguntando-se, afinal de contas, por que está a querer lembrar tantos detalhes de um passado que, afinal, já ficou bem para trás. Essas dúvidas humanizam, colore a narrativa e trazem mais o foco a figura de Salim Miguel, grande batalhador pela literatura e pelas artes.

Elias Fajardo é escritor, autor de "Na passarela da vida".

Romance conta tudo sobre ditadura

Salim Miguel estava dormindo, às três da manhã, quando um soldado começou a cutucá-lo com o fuzil, exigindo que fosse com ele. "Pra onde?" perguntou. "Não importa saber onde. Vamos", respondeu o soldado. Entraram num jipe, onde outro soldado os esperava. Circularam com ele pela cidade, ora em silêncio, ora conversando como se Salim não estivesse lá. Quando chegaram à ponte Hercílio Luz, um deles quis saber qual o impacto que um corpo causaria ao ser atirado dali ao mar, e o outro respondeu: "Só atirando pra saber".

O escritor e jornalista viveu essa história há trinta anos atrás, mas ainda sente arrepios só de contá-la. Ela faz parte do livro "Primeiro de Abril-Narrativas da Cadeia" (ed. José Olímpio, RJ), que foi lançado no último dia 26, no Restaurante Reçaka. O título refere-se ao dia 1º de abril de 1964, verdadeira data do golpe, que é divulgada como 31 de março. O livro é o primeiro a relatar os eventos ligados à instauração do regime militar fora do eixo Rio-São Paulo.

Salim deu, a contragosto, o título de "Passeio" ao capítulo em que relata a involuntária visita à ponte. Apesar de não ter sofrido torturas físicas, garante que as psicológicas, como essa, eram bem piores.

Ele ficou 48 dias num alojamento com outras 60 pessoas e começou a anotar dados pessoais dos outros presos e os motivos das prisões. "Foi mais

para aliviar a descarga emocional", diz. No entanto, ele acredita que, inconscientemente, talvez já estivesse pensando em transformar em livro suas anotações.

Nesse caso, o que fez com que se passassem trinta anos entre o cativo e a produção do Livro? Salim diz que saiu de lá profundamente indignado, e "a indignação é péssima conselheira literária". Além disso, o golpe completou trinta anos e o escritor fez 70. "São duas datas redondas", brinca.

Não faltaram casos engraçados durante o cárcere. Havia um preso de São Joaquim, era agiota, mas foi encarcerado como subversivo. "Provavelmente algum devedor plantou essa denúncia", diz Salim. Ele ficou oito dias preso. Quando descobriu que era um agiota, foi solto em seguida.

Salim foi preso por motivos igualmente obscuros. Apesar de nunca ter pertencido a um partido de esquerda, era conhecido por todos como um comunista de carteirinha e membro da cúpula do partido, o que não fazia questão de negar, já que, mesmo sem filiação, sempre foi de esquerda. Ele era, isso sim, chefe do escritório da Agência Nacional, órgão de divulgação do Governo Goulart, e da assessoria de imprensa do governador Celso Ramos, altamente suspeito para a época.

Além disso, foi dono da única livraria da cidade onde se vendia livros publicados por autores de esquerda e que acabou incendiada, pouco depois da sua detenção, pela fúria censora dos mili-

tares. Na prisão, ficou sabendo da história por um rapaz recém-detido e, quando escutou que "a livraria de um tal de Salim havia queimado" disse em tom de brincadeira: "O tal de Salim sou eu e a livraria não é minha há cinco anos". Ele tinha vendido a livraria em 59, mas todos a conheciam como: "A livraria do Salim".

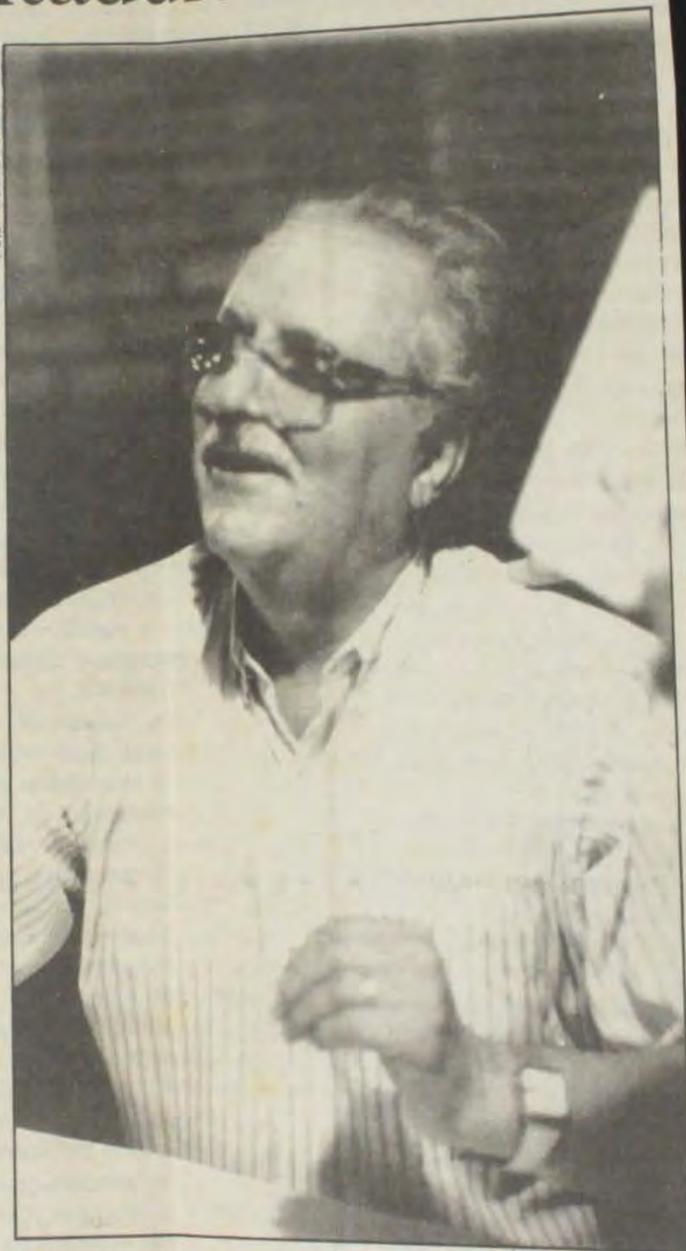
O lado trágico da história foi a queima dos livros. Fossem ou não de esquerda, foram todos destruídos e fizeram o padre Braum, do tradicional Colégio Catarinense, exclamar: "Meu Deus do céu, será que voltei à Alemanha de Hitler?"

Mesmo sem incêndios, há uma carência quase absoluta de livros sobre o regime militar fora do Rio e de São Paulo. Salim atribuiu isso a uma falta de conscientização das pessoas que viveram esse período sobre a importância de um depoimento. "Talvez haja também uma vontade de não lembrar que aquilo aconteceu", diz o escritor.

Existem, segundo ele, motivos para se querer "escamotear" o que aconteceu, mas não concorda com a afirmação do jornalista Paulo Francis, que também lançou recentemente um livro sobre o período, de que a juventude está desinformada sobre o que foi 64. Ele diz que depois de ter sido anunciado o lançamento do livro, inúmeros jovens o procuraram querendo saber mais. "São raríssimos os que não sabem quase nada".

Alexandre Wink

Foto: Maurício Xavier/ZERO



Salim Miguel resgata suas memórias do cárcere

ATRÁS DAS GRADES

Sai pela editora José Olympio as "memórias do cárcere" do escritor catarinense Salim Miguel

Primeiro de Abril; narrativas da cadeia - Salim Miguel. Rio de Janeiro, José Olympio/ Editora da UFSCar, 118 páginas

REGINA DALCASTAGNE
Especial para o CORREIO

O café, tradicional ponto de encontro no centro da cidade, está cheio. Os boatos políticos sempre foram o tema da conversa, mas agora a ocasião é a mais propícia. O país ferve (embora a cidade, pequena, nem tanto): Goulart caiu, os militares tomaram o poder. E de repente, sem que os frequentadores se tenham dado conta, a crise nacional se aproxima deles, palpável e fardada. O café está cercado por policiais. O comissário se dirige a um dos clientes, que nem tivera tempo de sorver sua xícara. Era o dia 2 de abril de 1964. O escritor e jornalista Salim Miguel se tomava, naquele momento, um dos primeiros presos políticos de Florianópolis.

Foram necessários trinta anos para que o escritor se dispusesse a voltar a percorrer aqueles dias, tentar tomar ainda aquele café que ficou para trás, ser outra vez encarcerado, atravessar de novo a revolta, o medo, a perplexidade. O resultado desse doloroso percurso é um pequeno livro, denso, terrível pelo que transporta em si, mas ainda belo, como deve ser toda arte literária. *Primeiro de Abril*, que acaba de ser lançado pela editora José Olympio, narra os quarenta e oito dias que Salim Miguel passou preso, aflito por não saber o que acontecia do lado de fora da prisão e pelo pouco que podia adivinhar através das conversas dos guardas.

Memória - O livro, amadurecido pelo tempo, não é um simples "depoimento" e tampouco se trata de um diário da cadeia, apesar de ter nascido lá dentro mesmo - esparsas anotações que serviam, antes de mais nada, para fazer correr o tempo. *Primeiro*

de Abril é, fundamentalmente, memória. O tema não é novo na obra de Salim Miguel. Autor de onze outros livros, é fácil identificar em meio a suas narrativas a paixão pela memória, pelo tempo, elementos que formam o arcabouço de sua obra. Mesmo a ditadura já havia sido abordada antes por Salim Miguel, no romance *A Voz Submersa*, uma das mais significativas obras sobre o regime militar. Mas é a primeira vez que ele se faz personagem de seu próprio drama.

Narrado na segunda pessoa do singular, no *tu* característico do Sul, que dá sabor ao livro, *Primeiro de Abril* não se restringe àqueles 48 dias de cárcere. Junto com o seu protagonista ele se desloca no tempo, vai e volta - atravessa a Florianópolis pré-golpe, com seus boêmios e fofoqueiros que se reuniam em torno da velha figueira da praça central; abandona o escritor para ir até a sua casa enquanto ele estava preso, acompanhar o drama de sua família, de sua mulher, a professora e também escritora Eglê Malheiros, em prisão domiciliar,

avança até os anos 70, quando Salim Miguel já reside no Rio de Janeiro - a família se mudou em 1965, numa espécie de "exílio interno" - e trabalha como repórter da revista *Manchete*.

Travessia - Para um livro de "narrativas da cadeia", *Primeiro de Abril* possui uma extraordinária

liberdade de movimento. A imaginação de Salim Miguel obviamente não se deixou enclausurar. Talvez o melhor momento do livro seja o capítulo chamado *Passeio*, quando o escritor é colocado num carro com alguns soldados e levado para dar uma "volta" pela cidade. Durante o trajeto, ele se refugia na memória, lembra a infância em meio aos livros, a adolescência livre, as ruas, as conversas



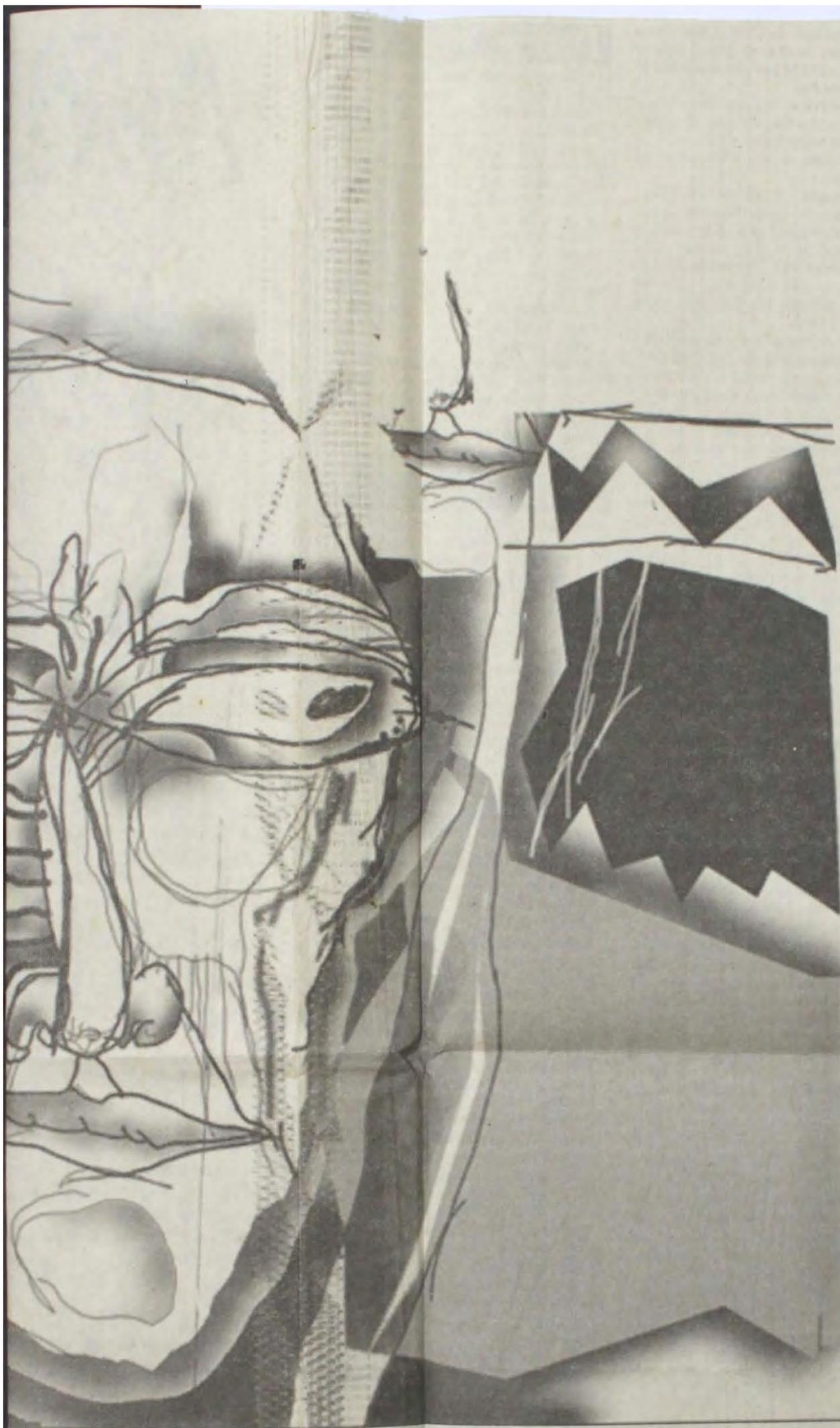
com os amigos, as histórias dos pescadores. Ao atravessar a ponte que liga a ilha de Santa Catarina ao continente, suas lembranças são interrompidas por uma frase: "Será que alguém sabe a altura exata da ponte até o mar e o impacto de um corpo na água?". O medo o faz voltar outra vez no tempo, visitar velhos conhecidos, gente que já havia virado personagem em seus livros. A memória mostra, aí, um poder que certamente o escritor ainda não tinha descoberto.

Cada capítulo de *Primeiro de abril* possui um desenvolvimento próprio, o que possibilita, inclusive, uma leitura em ordem diferente daquela proposta pelo autor. Além dos fatos que

relata, o livro é também um apanhado de emoções, de sentimentos. Como trazer de volta um tempo sem que se traga junto as reações que ele provocou? Medo, raiva, solidariedade, perplexidade - é isso que dá autenticidade ao livro de Salim Miguel. Escritor experiente e sensível, ele não se deixa apanhar pela armadilha fácil do sentimentalismo, apenas convida o leitor a acompanhar o drama de um outro, com a intensidade e o calor que só a vida, ou a arte, pode oferecer.

Prisão - Salim Miguel nasceu no Líbano, em 1924, veio para o Brasil aos três anos de idade e cresceu na pequena Biguaçu, a poucos quilômetros de Florianópolis. Agitou a capi-





TRECHO

Tu entre eles, vocês descem os poucos degraus, o civil diz um podem-levá-lo, percebes que não é gente da cidade, da terra, o modular da voz o denuncia, perto dali um jipe, na direção outro soldado, sentas no banco de trás ao lado do que te conduziu, o jipe arranca, de novo perguntas pra onde me levam tenho o direito de saber, pergunta que não tem resposta, o silêncio envolve vocês, envolve o quartel, envolve a cidade, envolve a noite. Em frente ao portão o jipe pára, o motorista faz um sinalzinho convenionado ao vigia, o portão é aberto, o jipe arranca, toma à direita, pouco adiante entra na avenida Rio Branco, à esquerda, perto, a casa de teu pai, te vem à mente o anoitecer quando saído do trabalho passavas ali, encontravas teus irmãos, tuas irmãs, algumas vezes tua mulher vinha te esperar, noutras teus filhos, a lembrança dói, machuca. Teu pai adora um papo, quer saber como decorreu o dia, logo se perde em reminiscências, enfronha-se naquele Líbano tão presente para ele, não adianta explicar que o Líbano que ele deixou em 1927 é memória perdida no tempo, fala das macieiras em flor, das oliveiras, da infância dura, de como conheceria tua mãe, morta relativamente jovem, da viagem para o Brasil, os imprevistos em Marselha, dos meses no Rio em casa de uma irmã, da vinda para Santa Catarina a fim de encontrar uns primos e assuntar, daqui nunca mais saindo. E repetia **maktub**. Estava escrito. Vocês discutiam, no teu ceticismo brincavas que **maktub** que nada! E agora? Será que também estava escrito?

tal catarinense nos anos 40, fazendo espaço e angônia com quase sessenta chegar lá, com duas décadas de atraso em relação a São Paulo, o movimento modernista. Junto com o que ficou conhecido como o Grupo Sul ajudou a renovar o teatro, as artes plásticas, a música e a literatura no Estado. No final dos anos 50, aventurava-se também no cinema e, ao lado de alguns desses homens crescem ex-de Eglê Malheiros, produziu o primeiro e única longa-metragem em Santa Catarina – *O Preceito da Ilusão*.

Nunca foi filiado ao Partido Comunista, ao contrário de sua mulher, mas sempre foi um homem de esquerda, coerente com seus ideais. **Cumplicidade** – Fino observador seus princípios. Na prisão, dividiu-se dos tipos que o cercavam, Salim Mi-

guel não foi menos perspicaz diante de suas próprias reações. Do livro não emerge um herói, nem mesmo uma inconsolável vítima. Ele se mostra como um homem perplexo, às vezes assustado, às vezes revoltado, nem sempre cauteloso ou bem-humorado. Talvez justamente por isso se faça tão humano, permitindo ao leitor uma aproximação solidária, que privilegia a cumplicidade em detrimento da piedade. Nos interrogatórios, no automóvel em meio à ameaça de morte, na prisão mesmo, enquanto acena para a família pela janela, em suas escapadas imaginárias pelas ruas da cidade, em cada nova história que recolhe entre os pre-

sos, Salim Miguel carrega consigo um leito atento. É difícil abandoná-lo depois de virar as primeiras páginas.

Primeiro de Abril não é exatamente um livro fácil. Possui um estilo apurado, cheio de idas e vindas, uma ironia fina, e um humor às vezes cáustico, outras sutil ou simplesmente divertido. Mas é sempre envolvente. Salim Miguel fez mais do que contar sua história, ele devolveu a ela a dimensão que sempre teve, mas que foi camuflada nas duas décadas de opressão e arbitrariedade que se seguiram. É por isso que o leitor, ao final do livro, quando o escritor, liberto, volta correndo feito louco para casa, ainda sente um gosto amargo na boca – a certeza de que muito ainda estava por vir.

MEMÓRIAS

O escritor Salim Miguel resolveu seguir o mesmo caminho do alagoano Graciliano Ramos, autor de *Memórias do Cárcere*, ao procurar transformar a experiência de ficar preso em matéria de reflexão literária. O resultado é *Primeiro de Abril — Narrativas da Cadeia* (José Olympio Editora, 117 páginas, preço: 10,70 URVs), em que Salim, atual secretário de Cultura de Florianópolis, narra a aventura que foi permanecer detido durante 48 dias em pleno regime militar no País. Por trás das grades, o escritor, na época redator da Agência Nacional, conviveu com mais de 60 presos políticos, acompanhou a angústia da família e o desenrolar dos acontecimentos que mudariam a face do Brasil (SR). #

AS NARRATIVAS DE SALIM MIGUEL NA CADEIA

"Primeiro de abril - Narrativas da cadeia", do escritor Salim Miguel, publicado pela Editora José Olympio, é o lançamento do próximo dia 26, às 20h30, no restaurante Reçaka. O livro lembra 1964 quando Miguel, então redator da Agência Nacional, ficou quase dois meses "de molho" numa prisão militar em Florianópolis. Ele não denuncia torturas ou arbitrariedades. Dá apenas o depoimento de um homem que valoriza os detalhes dos diversos tipos de pessoas que estão a sua volta. Um ficcionista que se vê repentinamente diante de uma realidade cruel sem perder o humor, mesmo quando descreve a queima de livros no Centro de Florianópolis.

Salim Miguel, autor, entre outros trabalhos, de "A vida breve de Sezefredo das Neves", "O Castelo de Frankenstein" e "A morte do tenente e outras mortes (contos)", foi preso no dia dois de abril de 1964, quando, segundo ele, tomava cafezinho com amigos no Ponto Chic. Em "Primeiro de abril..." ele revela também as consequências do golpe militar fora do eixo Rio-São Paulo. Para Hoacir Werneck de Castro, os fatos ocorridos são habilmente construídos, com capítulos que podem funcionar como módulos autônomos.

Salim Miguel, posfácio de Hélio Pólvora, comentários de Moacir Werneck de Castro, nas "orelhas", expressiva capa, em cores, de Joatan (sobre pintura a óleo de Luciane Malheiros), 117 páginas, selo da Livraria JOSÉ OLYMPIO EDITORA".

Mais um livro de memórias em torno dos acontecimentos de 1964, no Brasil, o enfoque em Santa Catarina, onde Salim Miguel, nascido no Líbano, e no Brasil desde criança, residia e trabalhava como jornalista. Esteve preso, acusado pelo Gover-

no militar e, passados 30 anos, narra como foram os seus dias na cadeia.

A linguagem, bem popular e cheia de gíria, agrada muito porque trata com humor do que poderia ter sido uma tragédia. Tudo minuciosamente contado, a partir do dia da prisão, os motivos, os interrogatórios, as emoções da mulher do prisioneiro e, ao termo, até uma relação dos presos no quartel da PM. Percebe-se que este memorialista é um escritor arguto, senhor de estilo preciso, bem adequado ao caso. Não Percam.

PRIMEIRO DE ABRIL

Ficha Técnica:- "Primeiro de Abril, narrativas da cadeia" por

CONVITE

A Editora José Olympio e a Editora da UFSCar/SP têm a satisfação de convidar V.Sa. e Família para coquetel de lançamento do livro **PRIMEIRO DE ABRIL - narrativas da cadeia** de Salim Miguel.

Local: Restaurante Reçaka - Av. Beira Mar Norte

Data: 26/04/94 (terça-feira)

Hora: 20:30

Apoio: Brahma Chopp

Dicas Literárias

PRIMEIRO DE ABRIL/NARRATIVAS DA CADEIA: Salim Miguel (José Olympio Editora)

Este livro narra com detalhes, os quarenta e oito dias em que o autor esteve preso, na época do golpe militar de 64.

Com um período de gestação literária de trinta anos, a obra traz em si, uma linguagem bem estruturada, concisa e de excelente qualidade narrativa, além de revelar em si, um pouco da história sombria e amarga dos tempos da ditadura militar.

É um livro primoroso, tanto do ponto de vista histórico quanto literário.

A RELIGIOSA: Denis Diderot (Editoro S.A.)

Diderot foi um agitador de idéias,

no sentido mais amplo do termo. Seu talento exerceu-se nos domínios da filosofia, da ciência, do teatro, da crítica de arte e da literatura. No âmbito das letras, a obra que imortalizou o seu nome foi exatamente "A Religiosa".

A controvérsia marcou a obra desde sua publicação, em 1796. Alguns viram neste livro apenas um romance licencioso. Outros deram ênfase ao aspecto ideológico da narrativa de Diderot. Há ainda aqueles que viram no livro somente uma sátira aos costumes monásticos do século XVIII.

Esta nova edição foi traduzida por Ângela Maria da Silva Corrêa.

TEXTURAAFRO: Adão Ventura (Editora Lê S.A.)

Adão Ventura é um dos poetas mais originais. Sua obra, segundo a crítica especializada: "trata-se de um poeta de muito bom gosto artesanal, substantivo e clean".

Depois de "A Cor da Pele", livro aclamado pelo público e pela crítica e já em 5ª edição, Adão volta à ativa com este "Textura Afro", onde podemos notar toda a força do poeta negro, que ama e orgulha-se da sua cor, mas sabe do preconceito e, por isso, sensível que é, usa toda a sua emoção e técnica em trabalhar a palavra, para escrever uma das melhores poesias surgidas nos últimos vinte e quatro anos (seu primeiro livro é datado de 1970).

Vejamos os versos: "A minha pele negra/servida em fatias/em luxuosas mesas de jacarandá,/a senhores de punhos rendados/há 500 anos."

INICIAÇÃO AOS MISTÉRIOS DA NOVA ERA: Eliane Ganen (José Olympio Editora - Rio de Janeiro/RJ)

É comum ouvirmos falar em Nova Era. Mas, o que vem a ser exatamente isso? A autora deste livro, com clareza de abordagem inédita, vem demonstrar que, na verdade, a Nova Era é um movimento espiritualista que independe de religião. "Abrange a todos, indistintamente, e se desdobra para campos que extrapolam a espiritualidade. É um novo pensar, sentir e agir em várias questões que nos atingem neste final de século: questões de ordem política, social, econômica, existencial e espiritual. Como vivemos, o que comemos, o que nos ensinam, o que precisamos saber, somos ou não habitantes de uma única tribo, para que nos serve este progresso que mata de fome e cria guerras? São algumas das perguntas."

Eliane Ganen aborda criticamente a filosofia ocidental, a suposta "dicotomia" entre Oriente e Ocidente, mantras, ecologia, sexo, chakras, pranas, tarot, alimentação, respiração, cristais, drogas, morte, violência, karma, amor, beleza e outros assuntos sempre atuais em tempos de mudanças. Exercícios simples e eficazes são apresentados, tornando o livro um guia prático para todos aqueles que desejam conhecer os mistérios da Nova Era e neles se iniciar.

A autora é respeitada na literatura para jovens, muitas vezes premiada no Brasil e no exterior, é também uma especialista nos assuntos do espírito.

ABC DO WORDPERFEC 6 PARA DOS: Alan R. Neibauer (Makron Books do Brasil Editora Ltda.)

Esta publicação é uma combinação exclusiva de instruções passo-a-passo. Cada função é explicitada primeiramente informando como executar a tarefa e em seguida fornecendo dicas, truques e informações avançadas. Indicado tanto para iniciantes que podem seguir as instruções simples dos recursos mais importantes do WordPerfect, como para usuários avançados, que podem notar as diferenças-chave entre a versão 6.0, e anteriores. O texto permite que você faça uma leitura seqüencial ou procure apenas assuntos de seu interesse.

P R I M E I R O
DE
Abri

NARRATIVAS
DA CADEIA



SALIM MIGUEL

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

012 - 48 Dias. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 out. de 1992. Idéias/Livros & Ensaio

48 dias

Salim Miguel terminou de escrever mais um romance. Trata dos primeiros 48 dias na vida de um intelectual após o golpe de 64.

Cultura (2)

A página dupla central do tablóide foi reservada para um relato pessoal do escritor Salim Miguel, hoje presidente da Fundação Municipal de Cultura de Florianópolis, sobre o incêndio que destruiu a Livraria Anita Garibaldi, localizada na Praça XV, Centro da capital, logo após o golpe militar de abril de 1964. A livraria foi queimada por um empedernido grupo direitista sob a acusação de comercializar "livros esquerdistas". O texto "A Fogueira" faz parte do livro "Primeiro de abril — narrativas da cadeia", que Miguel lança em abril.

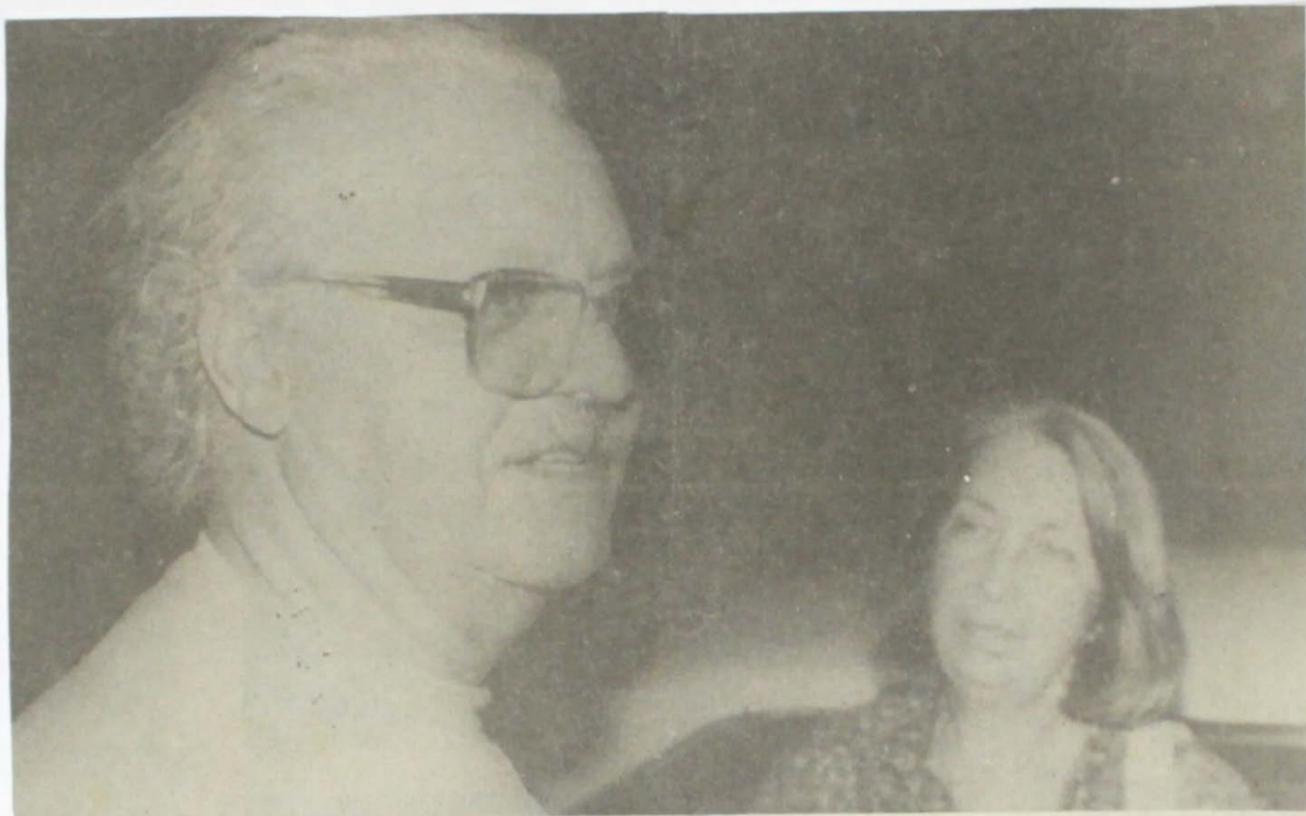
014 - LIVROS E CIA. fev./mar.de 1994

- Pela José Olympio, vem aí, no dia exato do título, um livro forte e contundente: *Primeiro de Abril – Narrativas de Cadeia*, de Salim Miguel, que revela as repressões em Florianópolis durante o golpe de 1964: queima de livros e livrarias, prisões, perseguições e arbitrariedades. Esta é



● **Primeiro de Abril** – Como “Memórias do Cárcere”, de Graciliano Ramos, “Primeiro de Abril”, de Salim Miguel, é um testemunho da repressão, em um momento diferente. São dois autores, cada um a seu modo, que relatam as arbitrariedades vividas (e sofridas) atrás das grades. Salim nos conta sombrios fatos ocorridos em 1964. Lá se vão 30 anos, quando o autor, um intelectual já conhecido, redator da Agência Nacional, passou 50 dias numa prisão militar em Florianópolis, Santa Catarina. Seu relato não denuncia arbitrariedades inéditas, nem torturas como as que ocorreram em outros lugares. É o depoimento

de um escritor, de um homem sensível, que sabe valorizar o detalhe e recolher, dentre os variadíssimos tipos humanos que o cercam, o traço mais significativo. É a visão de um ficcionista atento, com olho firme na realidade. E essa realidade, cruel, vem bater a sua porta, ferir seu cotidiano, assustar sua rotina em Florianópolis. O autor não perde o sentido de humor, mesmo quando descreve a destruição da livraria que foi sua.



Salim Miguel e Eglê Malheiros, nos domínios de Eli Heil

Surpresa e carreata na Capital

FLÁVIO DE STURDZE

No início da noite de 31 de março, o jornalista e escritor Salim Miguel, na época chefe do escritório da AN (Agência Nacional, atual ABR) em Florianópolis e do gabinete de Imprensa do governador Celso Ramos (PSD), estava com amigos no bar Miramar, no trapiche da Baía Sul - demolido anos depois. Ao mesmo tempo, realizava-se uma reunião na sede da UCE (União Catarinense de Estudantes), na rua Álvaro de Carvalho. Um líder esquerdista, que acabara de sair da reunião, avistou Salim e lhe disse: "Tudo sob controle." O jornalista limitou-se a responder: "Não vejo controle nenhum."

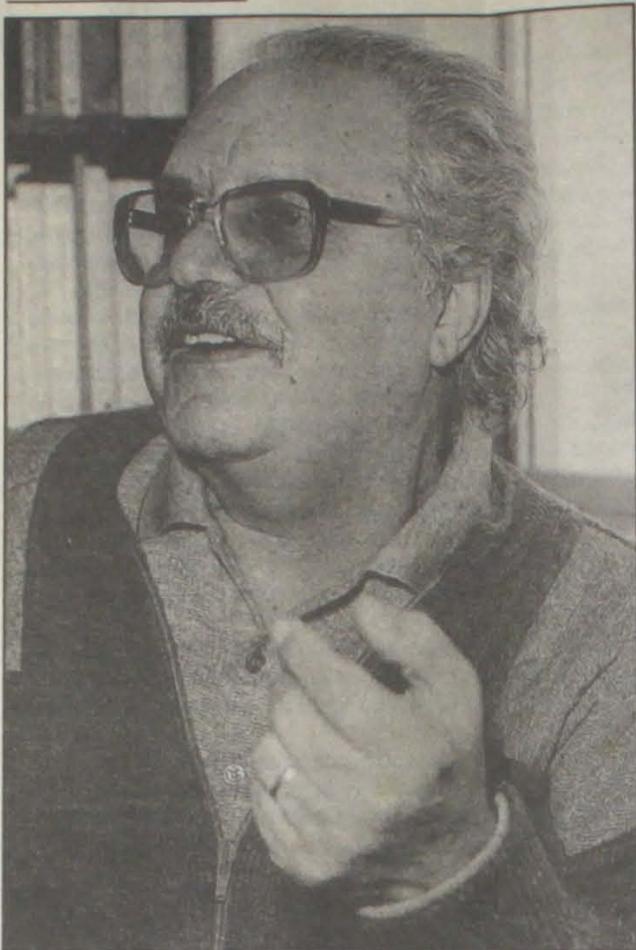
Trinta anos depois, Salim Miguel lembra que "havia um clima de perplexidade, sentia-se que a coisa não estava bem, mas não se imaginava um desfecho tão rápido". A edição do jornal *A Gazeta* daquele 31 de março, por exemplo, estampava em manchete que fora aprovada a tabela de aumento do



mas pretendidas pelo ainda presidente. Cavalariados dispersaram a multidão a tiros, conforme conta o ex-vereador Manoel Alves Ribeiro, o "Mimo", comunista histórico, citado pela professora Áurea Oliveira Silva, em sua dissertação *Aprender a calar e aprender a resistir*, para o curso de Educação da UFSC.

Naqueles primeiros dias de abril de 64, sem menção nos jornais, foram presas inúmeras pessoas em Florianópolis e no interior do Estado, acusadas de vinculação com o regime recém-deposto e da prática de atividades subversivas. A UCE foi invadida por militares durante a madrugada de 1º de abril, seus arquivos

Testemunha



LUÍZ MACHADO/ARQUIVO DC

Salim Miguel dirigia a Agência Nacional na Ilha

População sentia que o clima era tenso, mas não esperava um desfecho tão rápido. UCE foi invadida durante a madrugada

funcionalismo; ainda na capa, o general Veiga Lima, representante do IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) no Estado, já falecido, acusava, na sua coluna "Opinião", o líder comunista Luís Carlos Prestes de esperar que "as muralhas da resistência democrática se fendam" para que, então, "o fruto lhe caia às mãos". Nada de novo, enfim.

Em 1º de abril, com o golpe militar já em curso, *A Gazeta* voltava a manchetear a proposta de aumento do funcionalismo, e publicava declaração do vice-governador, Doutel de Andrade (PTB), considerando "inteiramente destituídos de fundamento receios (...) de que estaria iminente a quebra da legalidade democrática".

Mas no decorrer do dia soube-se da deposição de João Goulart e o fato foi comemorado por adeptos do movimento militar com uma carreata pelas principais ruas de Florianópolis. Na véspera do golpe, sem qualquer menção pela Imprensa, partidários de Goulart realizaram um comício e uma passeata em apoio às refor-

foram arrombados e a sede foi fechada. Uma Kombi, recebida do MEC, foi expropriada por agentes do Exército.

No dia 4, os jornais já estavam incorporados aos "novos tempos". *A Gazeta*, num texto intitulado "Vitória da Liberdade e da Democracia", observa que "depois de tanta anarquia, de tanta baderna, de tanta subversão, o Brasil reingressa na ordem, na paz e no trabalho revigorante". O mesmo texto refere-se à fuga de Jango, "o caudilho sul-riograndense que tantos e incalculáveis males deu ao Brasil".

O mesmo jornal noticiava também a prisão do diretor da Diretoria de Correios e Telégrafos em Santa Catarina, Israel Gomes Caldeira. Ele era acusado, segundo o diário, de violar correspondência e apoderar-se de publicações contrárias a João Goulart, já que ocupava o cargo por escolha do "covarde agente da desordem e subversão, Leonel Brizola". Na coluna "Opinando" daquele dia, Vieira da Rosa afirmava que o Governo Goulart "fez violência, fez brutalidades, fez injustiças e fez corrupção".

Repressão e queima de livros em praça pública

A "Operação Limpeza", na qual foram presos estudantes, sindicalistas, intelectuais, profissionais liberais, donas de casa, foi iniciada em 1º de abril de 1964, mas só no dia 11 o comandante do 5º Distrito Naval, contra-almirante Murilo Vasco do Valle Silva, publicava nota nos jornais, dizendo que o número de prisões não ultrapassava 40. Depoimentos de envolvidos, citados pela professora Áurea em seu trabalho, dão conta que esse número era bem maior: falase entre 100 e 200 pessoas no Estado, sendo cerca de 40 só em Criciúma, onde o Sindicato dos Mineiros era muito combativo.

Em meio ao medo e à angústia causados pela onda de prisões e perseguições, houve casos hilários, como o de um amigo de seu Mimo, preso por ter plantado sementes de pepinos que este lhe trouxera de presente de uma recente viagem à União Soviética.

No sábado daquela primeira semana do golpe, os florianopolitanos puderam espiares um pouco assistindo às películas *A dama da madrugada*, com Dean Martin e Shirley MacLaine, no Cine São José, ou *Talhado*

para campeão, com Elvis Presley, no Roxi. Uma coluna social registrava que "entre a alegria de seus extremos genitores, vê passar hoje seu 4º aniversário a galante menina Rita de Cássia Faversoni", informando que "por tão grata efeméride, a galante nataliciante" oferecia "umalauta mesa de finos doces e guaranás".

No mesmo sábado, porém, segundo noticiou *A Gazeta* do dia seguinte, havia pessoas com outro tipo de disposição. "Populares incendeiam livros marxistas na Livraria Anita Garibaldi", dizia o título da matéria, segundo a qual a livraria "se caracterizava pela venda de livros essencialmente marxistas e esquerdistas, que eram vendidos a elementos reconhecidamente vermelhos." Afirmava o texto que entre os frequentadores da livraria havia "pelegos pagos para propagarem os ideais marxistas-leninistas". Mas omitia que o auto-de-fé fora comandado por Nereu do Valle Pereira, hoje professor da UFSC, e que o padre Braun, do Colégio Catarinense, exclamara ao ver no chão as cinzas dos livros queimados: "Meu Deus, terei voltado à Alemanha de Hitler?" (F. S.)

Prisões começam logo após notícias do golpe

Quando eclodiu o golpe militar de 1964, o hoje coronel da Polícia Militar Nery Clito Vieira tinha posto de capitão e comandava o 2º BPM, em Chapecó. No início daquele ano, fora eleito presidente do Clube dos Oficiais da PM, para desagrado, segundo conta, do Governo do Estado e do comando da corporação. Combativo, denunciou irregularidades na PM e encaabeçou uma paralisação por melhores salários. Em represália, respondeu a três processos no Conselho de Justiça Militar, sendo absolvido em todos.

A pedido do comandante-geral da PM, coronel Elvídio Peters, o comando revolucionário da região, sediado no 5º Distrito Naval, autorizou a prisão de Nery e, no dia 7 de abril, um avião da FAB com cinco oficiais desceu em Chapecó para buscá-lo. "Eu estava almoçando no quar-

do a depor no 5º Distrito Naval, onde o chefe da 16ª Circunscrição Militar, coronel Florimar Campello, comentou: "Então o senhor é o famoso capitão Nery..."

O coronel informou a Nery que contra ele pesavam 11 acusações por subversão. Depois de ouvir de Nery que tudo não passava de uma "armação", por vingança, Campello o liberou. Mas, por interferência de Peters, afirma, ficou preso 45 dias à disposição do inquérito da PM.

O jornalista e escritor Salim Miguel, 70 anos, atual superintendente da Fundação de Cultura Franklin Cascaes, foi preso em 2 de abril, bem no centro de Florianópolis. "Eu era chefe do escritório da Agência Nacional (atual ABR) e fazia parte da assessoria de Imprensa do governador Celso Ramos", conta. "Acabara de redigir uma notícia sobre

Clito Vieira, coronel da PM, foi preso num refeitório. Já Salim Miguel, escritor, tomava café no Ponto Chic com amigos

tel, com minha mulher, grávida de três meses, e dois filhos pequenos", lembra Nery. "O major Oscar da Silva, metralhadora em punho, me deu voz de prisão 'em nome da revolução'".

A mulher de Nery desmaiou no refeitório e ele próprio ficou alarmado. "Eles não tinham ordem de prisão nem nada", conta. Ao ir arrumar seus pertences, um amigo lhe entregou um revólver. Nery, que até hoje não porta arma, recusou, mas o outro lhe disse: "Leve, esta é sua única garantia agora, capitão".

Ao chegar a Florianópolis, ficou perplexo ao ser informado que seria conduzido a São Francisco do Sul. "Sabia que os presos políticos estavam no quartel da PM, na Capital, e me assustei com a informação de que eu seria levado para longe." Ao coronel Wallace Capella - seu amigo e compadre - destacado para levá-lo ao forte, Nery alertou: "Vivo eu não saio daqui." Wallace - posteriormente cassado pelo AI-5 e já falecido - conseguiu, então, negociar a permanência em Florianópolis.

Foi imediatamente leva-

a situação por aqui e preparava-me para transmiti-la ao Rio pelo teletipo do Correio; no meio do caminho, decidi tomar um cafezinho no Ponto Chic."

Mal Salim e os amigos chegaram ao balcão, a polícia cercou o Ponto Chic. "O comissário Vilella dirigiu-se até onde eu estava e disse que tinha ordem de me levar para falar com o secretário de Segurança, Jade Magalhães." Salim disse, então, que iria terminar o café, transmitir o material ao Rio e passaria na Secretaria de Segurança. "O senhor não está entendendo, está sendo detido para averiguações", esclareceu Vilella.

"Eu disse que não iria naquele momento e houve um bate-boca." Outro policial sugeriu, então, que Salim fosse levado ao quartel da PM. Um advogado amigo entendeu que esta seria a melhor solução. "Fiquei lá 'detido', eles não diziam preso, 48 dias, os três primeiros incomunicáveis". Toda a história da sua prisão, Salim conta no livro *1º de abril - narrativas na cadeia*, da Editora José Olympio. (F.S.)



PRIMEIRO DE ABRIL — narrativas da cadeia

O golpe militar amordaça o país. 1964. SANTA CATARINA.

Trinta anos depois, SALIM MIGUEL, em estilo impecável, nos permite mergulhar num período que permanece obscuro em nossa história: a geografia do medo e da violência ao sul do Brasil.

Intelectuais, artistas e escritores enfrentam as arbitrariedades que se infiltram no cotidiano. A repercussão daqueles acontecimentos na vida dos personagens é tema deste romance.

PRIMEIRO DE ABRIL — narrativas da cadeia é duro retrato dos dias sombrios que até hoje instigam a memória brasileira.

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

TEL.: 221-6939
FAX: 242-0802

EM TODAS AS LIVRARIAS

Prisão de Salim Miguel em 64 rende livros sobre golpe

Diretor da Franklin Cascaes lança livro dia 26 de abril

ARQUIVO AN



Osmar Gomes

Florianópolis — Os 48 dias em que o escritor e atual diretor da Fundação Franklin Cascaes, Salim Miguel, passou na prisão em Florianópolis sob o domínio do golpe militar de 1964 viraram novela editada pela José Olímpio. O lançamento na Capital catarinense está marcado para o dia 26 que vem, no Restaurante Reçaca. "1º de Abril — Narrativas da Cadeia" é apresentado por outro escritor catarinense, que mora no Rio de Janeiro, Moacir Werneck de Castro, autor de livro baseado na vida e obra do alemão Fritz Müller, um dos responsáveis pela colonização de Blumenau.

A novela de Salim Miguel é o 12º livro individual da sua trajetória literária. A epígrafe da obra remete a Graciliano Ramos, que escreveu "Memórias do Cárcere". Ao contrário de Graciliano Ramos, que narrou memórias, Salim Miguel fez ficção baseada em fatos reais e usou a segunda pessoa em toda a estrutura do texto. Entre os episódios, constam um dedicado aos motivos que levaram o escritor à prisão pela PM local e outro que trata da queima de uma livraria.

Werneck de Castro comenta na orelha do livro o potencial da narrativa histórica do autor, colocando a obra como marco importante para a literatura catarinense neste ano, exatamente quando são registrados os 30 anos da "revolução" dos militares, anunciada com marcha de material bélico nas ruas brasileiras no dia 1º de abril, conhecido como dia da mentira. Salim Miguel foi preso um dia após a tomada do poder civil. A postura ideológica do escritor foi uma das razões, segundo ele.

PRIMEIRO DE ABRIL
narrativas da cadeia

Salim Miguel

1964. Sta. Catarina. O golpe militar amordaça o país. Artistas enfrentam as arbitriedades. Era apenas o começo de um pesadelo. Este romance é um retrato ficcional dos dias sombrios que até hoje instigam a nossa memória. Três décadas depois, **PRIMEIRO DE ABRIL** traça a geografia do medo e da violência ao Sul do Brasil.

JOSÉ OLYMPIO

EDITORA

À VENDA NAS LIVRARIAS



★ *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia*, de Salim Miguel, José Olympio Editora, CR\$ 11.900,00. Autobiográfico, é um retrato ficcional dos dias sombrios e cruéis do Golpe de 1964 que até hoje instigam a memória brasileira. Salim faz o leitor mergulhar em um período que permanece obscuro em nossa história.



★ *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia*, de Salim Miguel, José Olympio Editora, CR\$ 11.900,00. Autobiográfico, é um retrato ficcional dos dias sombrios e cruéis do Golpe de 1964 que até hoje instigam a memória brasileira. Salim faz o leitor mergulhar em um período que permanece obscuro em nossa história.

Salim

O escritor Salim Miguel recebe convidados na próxima terça-feira, no Restaurante Reçaka, para lançar seu décimo-primeiro livro, "Primeiro de Abril — Narrativas da Cadeia", editado pela José Olympio. Escrito em ritmo autobiográfico — pois narra a experiência do autor em 48 dias de prisão logo após o golpe de 1964 —, o romance faz uma densa reflexão sobre a liberdade e as relações entre artistas, jornalistas e o poder.

024 - SÍMBOLO da intelectualidade catarinense. **A Notícia**, Florianópolis, 21 abr. de 1994. Variedades, p. 36

★ Símbolo da intelectualidade catarinense, Salim Miguel lança na próxima terça-feira, às 20h30 min, no Reçaka, na Ilha, o livro “Primeiro de Abril — narrativas da cadeia”, pelas editoras José Olímpio e da UFSCar (São Carlos).

025 - VIEIRA, João Carlos. Salim Miguel. **A Notícia**.
Florianópolis. 22 abr. de 1994

Salim Miguel.

Salim Miguel, um dos grandes nomes da literatura catarinense, lança no dia 26, em Florianópolis, o livro "1º de Abril — Narrativas da Cadeia". Com a marca de seu talento.

★ ★ EDITORAS José Olímpio e UFSCar/SP estão convidando para o coquetel de lançamento do livro *Primeiro de Abril - narrativas da Cadeia*, de Salim Miguel, terça-feira, 26, às 20h30min no Reçaka, em Florianópolis. Não se trata de nenhuma homenagem à administração da Frente Popular em Florianópolis.

027 - FLORIANÓPOLIS. Diário Catarinense, Florianópolis,
24 abr. de 1994. Agenda

□ FLORIANÓPOLIS 26/4
★ Livro - Às 20h30min, no
restaurante Reçaka, lançamen-
to do livro *Primeiro de Abril*
- Narrativas da Cadeia, de Salim
Miguel. □ Avenida Beira-Mar
Norte, s/nº - Centro.

028 - LANÇAMENTOS. Folha de São Paulo. São Paulo,
24 abr.de 1994. Livros, p. 6

PRIMEIRO
DE *Abri*



SALIM MIGUEL

PRIMEIRO DE ABRIL, de Salim Miguel. Capa de Jotatan, sobre pintura de Luciane Malheiros. José Olympio (r. Marquês de Olinda, 12, Rio de Janeiro, tel. 021551-0642, fax 551-7696). 136 págs. 10,70 URVs

Romance autobiográfico. O autor narra sua experiência como prisioneiro de uma cadeia militar durante 50 dias, em Florianópolis, 1964.

029 - PRIMEIRO de Abril. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 abr. de 1994. Caderno Mais

PRIMEIRO
DE

Abril



PRIMEIRO DE ABRIL, de Salim Miguel. Capa de Jotatan, sobre pintura de Luciane Malheiros. José Olympio (r. Marquês de Olinda, 12, Rio de Janeiro, tel. 021551-0642, fax

551-7696). 136 págs. 10,70 URVs
Romance autobiográfico. O autor narra sua experiência como prisioneiro de uma cadeia militar durante 50 dias, em Florianópolis, 1964.

Salim

O escritor Salim Miguel recebe convidados na próxima terça-feira, no Restaurante Reçaka, para lançar seu décimo-primeiro livro, "Primeiro de Abril — Narrativas da Cadeia", editado pela José Olympio. Escrito em ritmo autobiográfico — pois narra a experiência do autor em 48 dias de prisão logo após o golpe de 1964 —, o romance faz uma densa reflexão sobre a liberdade e as relações entre artistas, jornalistas e o poder.

Diário de cadeia

"Primeiro de abril - Narrativas da cadeia", do escritor Salim Miguel, publicado pela Editora José Olympio, é o lançamento de amanhã, dia 26, às 20h30, no restaurante Reçaka. O livro lembra 1964 quando Miguel, então redator da Agência Nacional, ficou quase dois meses "de molho" numa prisão militar em Florianópolis. Ele não denuncia torturas ou arbitrariedades. Dá apenas o depoimento de um homem que valoriza os detalhes dos diversos tipos de pessoas que estão a sua volta. Um ficcionista que se vê repentinamente diante de uma realidade cruel sem perder o humor, mesmo quando descreve a queima de livros no Centro de Florianópolis.

Salim Miguel, autor, entre outros trabalhos, de "A vida breve de Sezefredo das Neves", "O Castelo de Frankenstein" e "A morte do tenente e outras mortes (contos)", foi preso no dia dois de abril de 1964, quando, segundo ele, tomava café com amigos no Ponto Chic. Em "Primeiro de abril..." ele revela também as consequências do golpe militar fora do eixo Rio-São Paulo. Para Moacir Werneck de Castro, os fatos ocorridos são habilmente construídos, com capítulos que podem funcionar como módulos autônomos.

Reprodução

P R I M E I R O
Abril



EXPRESSAS

■ **ESCRITOR** Salim Miguel, presidente da Fundação Franklin Cascaes, lança amanhã, 20h30min, no restaurante Reçaka, Capital, seu novo livro, *1º de Abril - Narrativas da Cadeia*, que sai pela editora José Olympio, do Rio de Janeiro. Nele, trabalhando realidade e ficção, Salim fala de sua prisão em 1964 e das perseguições políticas patrocinadas pela ditadura.

Persona

Nesta terça-feira, no restaurante Reçaka, o escritor Salim Miguel, superintendente da Fundação Franklin Cascaes, recebe amigos e a comunidade literária para o lançamento do seu livro "Primeiro de Abril — Narrativas da Cadeia".

Dentre outros amigos citados no livro, Salim Miguel espera ansiosamente que a presença do ilustre "senador" Alcides Ferreira o prestigie.

O grande ilhéu é personagem de suas narrativas.

Memórias

□ Em conversa na RBS TV, antes de dar uma entrevista sexta-feira no *Jornal do Almoço*, o escritor e jornalista Salim Miguel revelou que nunca foi comunista na vida e tampouco teve qualquer vínculo com partidos políticos. Era apenas um homem de esquerda.

□ Mas também nunca se preocupou em contestar o rótulo de "comuna".

□ Salim Miguel, que lança amanhã um livro que levou 30 anos para ser feito sobre os dias que ficou preso, até hoje também não sabe bem por que foi preso.

□ Acha que ficou "guardado" porque era dono de uma livraria na Ilha que vendia livros de esquerda.



Salim Miguel lança *Primeiro de Abril* hoje à noite no *Reçaka*, na *Beira-Mar*

Lançamento de Livro

“Primeiro de abril — Narrativas da cadeia”, do escritor Salim Miguel, publicado pela Editora José Olympio, é o lançamento hoje às 20h30min, no restaurante *Reçaka*. O livro lembra 1964 quando Miguel, então redator da Agência Nacional, ficou quase dois meses “de molho” numa prisão militar em Florianópolis. Ele não denuncia torturas ou arbitrariedades. Dá apenas o depoimento de um homem que valoriza os detalhes dos diversos tipos de pessoas que estão à sua volta. Um ficcionista que se vê repentinamente diante de uma realidade cruel sem perder o humor, mesmo quando descreve a

queima de livros no centro de Florianópolis.

Salim Miguel, autor, entre outros trabalhos, de “A vida breve de Sezefredo das Neves”, “O Castelo de Frankenstein” e “A morte do tenente e outras mortes (contos)”, foi preso no dia 2 de abril de 1964, quando, segundo ele, tomava cafezinho com amigos no *Ponto Chic*. Em “Primeiro de abril...” ele revela também as conseqüências do golpe militar fora do eixo Rio-São Paulo. Para Moacir Werneck de Castro, os fatos ocorridos são habilmente construídos, com capítulos que podem funcionar como módulos autônomos.

Livro relata passagem pela prisão

□ *Décima-segunda publicação de Salim Miguel é baseada em fatos reais, mas é ficção*

OSWALDO NOCETTI



Escritor Salim Miguel conta os 48 dias que ficou preso em Florianópolis

Florianópolis - "Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia" (Editora José Olympio, 117 páginas, CR\$ 11 mil 900), décimo-segundo livro do escritor catarinense Salim Miguel, é lançado hoje, às 20h30min, no Restaurante Reçaka. A obra, que contém uma narrativa estruturada na segunda pessoa, baseia-se em fatos reais, embora seja de cunho fictício. Marca os 30 anos do golpe militar e os 70 anos do autor, nascido no Líbano em 30 de janeiro de 1924. Sem mágoas, Salim Miguel retoma seus dias de angústia e tortura psicológica vividos um dia após os militares tomarem o poder sob o signo de revolução. Os 48 dias em que ele esteve preso no Quartel da Polícia Militar se transformaram no diário guardado no fundo da gaveta e transformado, a partir de 1991, no projeto do livro.

Dividido em 16 capítulos, "Primeiro de Abril-Narrativas da Cadeia" reúne fatos e reações do próprio escritor e de outros 59 presos. Trata-se de uma novela desmontável, conforme Salim Miguel. "Cada capítulo se fecha em si mesmo, apesar de sempre um remeter ao outro", comenta. Ele também concorda que a linguagem não deixa de ser cinematográfica. A influência do cinema é marcante na obra do catarinense, autor do primeiro longa-metragem da história cinematográfica do Estado,

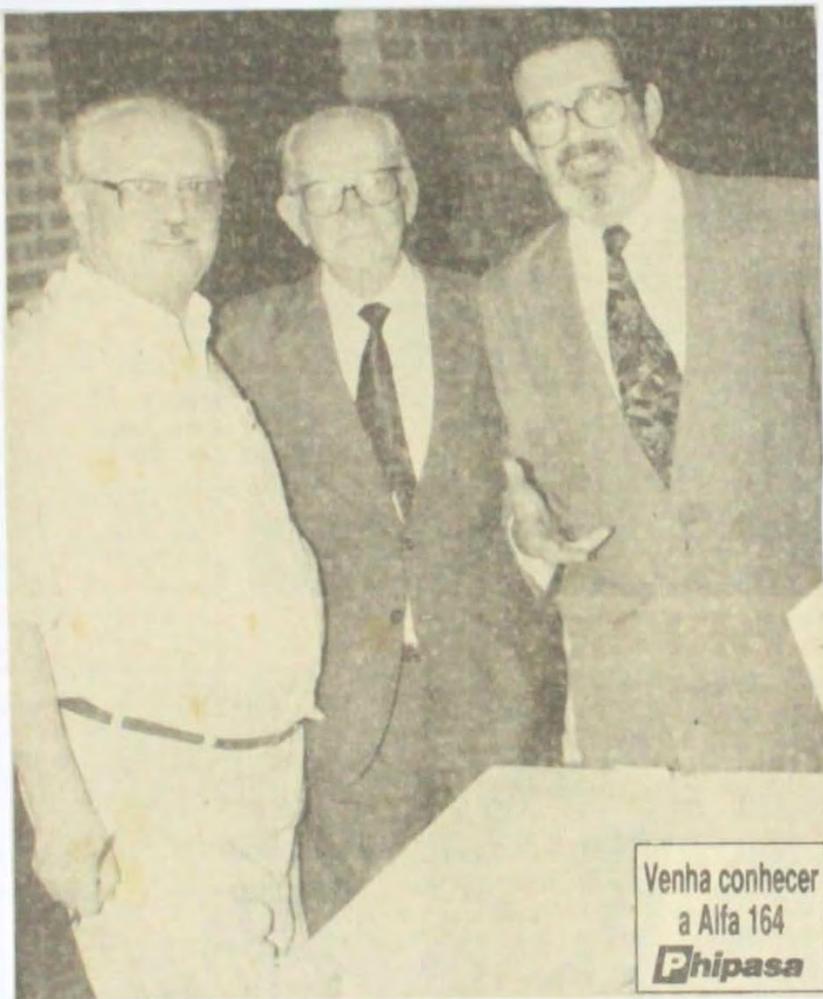
"O Preço da Ilusão", em parceria com a sua mulher, Eglê Malheiros.

O diário que resultou no livro dependeu muito da ação de Eglê. Como estava incomunicável na prisão, Salim só pôde escrever no momento em que a sua mulher burlou o esquema de segurança e lhe enviou lápis, caneta e caderno no meio de roupas. Malheiros também foi presa na época da ditadura. Os quatro filhos do casal foram assistidos por parentes e vizinhos até que a mãe passasse à condição de presa domiciliar.

Esses e outros episódios marcaram o processo da vida de Salim, que permaneceu na prisão até o dia 20 de maio de 1964. O autor da ficção lembra, por exemplo, a queima da livraria Anita Garibaldi, que ele havia vendido cinco anos antes.

Fato inédito é que o livro editado pela José Olympio é o primeiro a tratar do golpe militar em região fora do eixo Rio-São Paulo. Mostra-se, de acordo com o escritor, como transcorreu o movimento na provinciana Florianópolis da década de 60.

"Primeiro de Abril-Narrativas da Cadeia", com apresentação de Moacir Werneck de Castro, também será lançado em Brasília, no dia 5 de maio. "As Várias Faces", outra novela, é outro projeto de Salim Miguel para este ano com intenção de refletir sobre o golpe.



Venha conhecer
a Alfa 164
Phipasa

*Superintendente da
Fundação Franklin Cascaes,
escritor Salim Miguel, com
seu confrade "senador"
Alcides Ferreira e o deputado
Noemi Cruz, prestigiando o
lançamento de seu livro.
Foto: Paulo Dutra*

A Geografia do medo

Os anos de chumbo da vida nacional ainda não foram suficientemente revelados e nem o mundo livre conhece o bastante sobre essa era trevosa da intolerância, quando os militares no poder transformaram este país numa imensa mesmorra torturante.

O que foi escrito no impulso da emoção tem o seu valor histórico e bibliográfico. Mas como bem observa o jornalista e escritor Moacir Werneck de Castro nas "orelhas" deste PRIMEIRO DE ABRIL — Narrativas da Cadeia, de Salim Miguel, "o parto precoce faz mal ao produto literário, que precisa de um distanciamento capaz de evitar os excessos da paixão e o gosto da simples vindita". É o que acontece com este instigante PRIMEIRO DE ABRIL, de Salim Miguel.

Salim nos conta os sombrios fatos ocorridos em 1964. Lá se vão 30 anos, quando o autor, um intelectual já conhecido, redator da Agência Nacional, passou cinquenta dias numa prisão militar em Florianópolis, Santa Catarina. Seu relato não denuncia arbitrariedades inéditas, nem torturas como as que ocorreram em outros lugares. É o depoimento de um escritor, de um homem sensível, que sabe valorizar o detalhe e recolher, dentre os variadíssimos tipos humanos que o cercam, o traço mais significativo. É a visão de um ficcionista atento, com olho firme na realidade. E essa realidade, cruel, vem bater na sua porta, ferir seu cotidiano, assustar sua rotina em Florianópolis. O autor não perde o sentido do humor, mesmo quando descreve a destruição da livraria que foi sua, a queima absurda de livros em pleno centro da capital

catarinense.

Habilmente construído, com capítulos que podem funcionar como módulos autônomos, usando com boa técnica o flashback e a revelação do que viria depois, o romance de Salim Miguel se acrescenta à sua bibliografia de muitos títulos como uma nova e marcante contribuição à história do golpe de 64 e seus ecos pelo país afora. História vista e contada do ângulo das vítimas, por isso mesmo mais reveladora.

Salim Miguel soube entender o que viveu e soube, aqui sim interessa de perto ao leitor, escrever um livro com forte emoção, mas consciente de que escrevia um romance. Verdadeiro, PRIMEIRO DE ABRIL se insere nos melhores momentos de nossa literatura atual.

PRIMEIRO DE ABRIL. Romance. Salim Miguel. José Olympio Editora. 117 páginas.

P R I M E I R O
DE *Abril* NARRATIVAS
DA CADEIA



SALIM MIGUEL

JOSÉ OLYMPIO

A novidade da José Olympio: Primeiro de Abril, de Salim Miguel

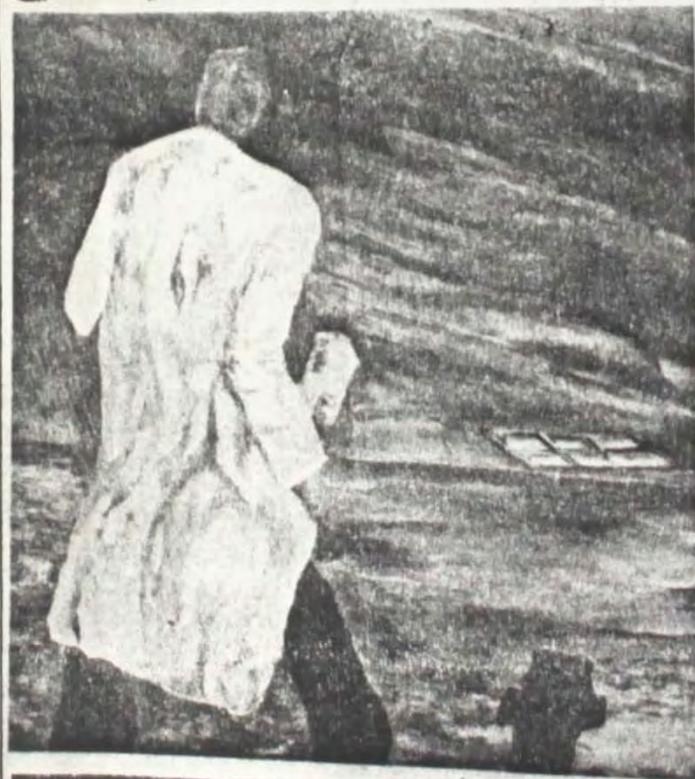
“Como bem observou o jornalista e escritor Moacir Werneck de Castro nas “orelhas” de **Primeiro de abril-narrativas da cadeia**, de Salim Miguel, “2o parto precoce faz mal ao produto literário, que precisa de um distanciamento capaz de evitar os excessos da paixão e o gosto da (simples vindita”. Assim foi com o fabuloso **Memórias do cárcere**, de Graciliano Ramos. E o mesmo acontece com este instigante **Primeiro de abril**, de Salim Miguel. São os dois testemunhos de momentos diferentes da repressão. E dois autores, cada um ao seu modo, que relatam as arbitrariedades vividas (e sofridas) atrás das grades. Salim nos conta os sombrios fatos ocorridos em 1964. Lá se vão 30 anos, quando o autor, um intelectual já conhecido, redator da Agência Nacional, passou cinquenta dias numa prisão militar em Florianópolis, Santa Catarina. Seu relato não denuncia arbitrariedades inéditas, nem torturas como as que ocorreram em outros lugares. É o depoimento de um escritor, de um homem sensível, que sabe valorizar o detalhe e recolher, dentre os variadíssimos tipos humanos que

o cercam, o traço mais significativo. É a visão de um ficcionista atento, com olho firme na realidade. E essa realidade, cruel, vem bater na sua porta, ferir seu cotidiano, assustar sua rotina em Florianópolis. O autor não perde o sentido do humor, mesmo quando descreve a destruição da livraria que foi sua, a queima absurda de livros em pleno centro da capital catarinense.

Habilmente construído, com capítulos que podem funcionar como módulos autônomos, usando com boa técnica o **flashback** e a revelação do que viria depois, o romance de Salim Miguel se acrescenta à sua bibliografia de muitos títulos como uma nova e marcante contribuição à história do golpe de 1964 e seus ecos pelo país afora. História vista e contada do ângulo das vítimas, por isso mesmo mais reveladora.

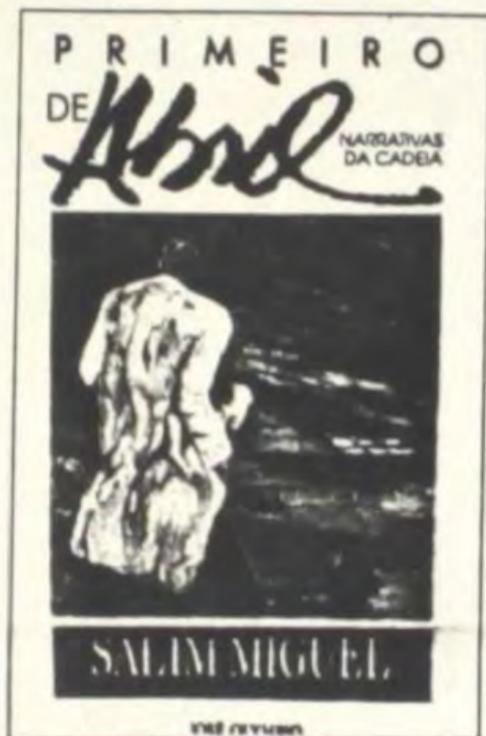
Salim Miguel soube entender o que viveu e soube, aqui sim nos interessa de perto, escrever um livro com forte emoção, mas consciente de que escrevia um romance. Verdadeiro, **Primeiro de abril**, se insere nos melhores momentos de nossa literatura atual.

P R I M E I R O
DE *Abril* NARRATIVAS
DA CADEIA



Salim Miguel, escritor catarinense, lança em Brasília, na próxima quinta-feira, novo romance: *Primeiro de Abril — Narrativas da Cadeira*, lançamento da Editora José Olympio. Cineasta, roteirista e superintendente da Fundação de Cultura do Município de Florianópolis, ele integra a polêmica Comissão de Cinema, que distribuiu o *Prêmio Resgate do Cinema Brasileiro* a diretores veteranos e estreantes. Semana que vem, participará da etapa final do processo, selecionando projetos de curta e média-metragem. Na quinta-feira, na Livraria Presença, (19h00) ele lançará *Narrativas da Cadeira*. Em 1964, Miguel (pai do jornalista João José Miguel, o *Brother*) foi preso, em Florianópolis, sob três acusações: ter chefiado a Agência Nacional, órgão que divulgava a ação do Governo Goulart; ser comunista (apesar de nunca ter-se filiado a nenhum Partido) e ser dono (até 1959) de livraria onde reuniam-se intelectuais e artistas de esquerda. 48 dias depois, por falta de provas, foi solto. Sem espaço em Florianópolis, migrou para o Rio, onde fez cinema com Marcos Farias e viveu por 14 longos anos. Agora, é o braço cultural da Prefeitura de Florianópolis, comandada pelo PPS, novo nome do *Partidão*. (MRC)

□ Sai pela José Olympio Editora o romance "Primeiro de Abril - narrativas da cadeia", de Salim Miguel. Usando *flashback* e capítulos que podem funcionar como módulos autônomos, o autor narra momentos cruciais vividos no País logo após o golpe militar de 64. Na "orelha" do livro, o jornalista e escritor Moacir Werneck de Castro cita Graciliano Ramos e suas "Memórias do Cárcere". Afinal, são duas obras de memorialismo e denúncia de dois tempos parecidos.



042 - LIVRO. Correio Brasiliense. Brasília, 03 maio de 1994. Roteiro, p. 5

Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia-
Livraria Presença (SCLS 102 -Bloco C - loja
05 - fone: 225-5422). Quinta-feira, a partir
das 19h. Livro do jornalista e escritor Salim
Miguel, com noite de autógrafos.

043 - FICÇÃO. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 07 maio de 1994. Idéias/Livros, p. 3

FICÇÃO

Primeiro de abril: narrativas da cadeia, de Salim Miguel. José Olympio, 118 páginas, 10,70 URVs

■ Retrato ficcional do golpe militar de 1964 e a repercussão desses acontecimentos na vida dos personagens. O livro relata os 50 dias passados pelo personagem principal numa prisão militar em Florianópolis, descrevendo os tipos humanos e acontecimentos pitorescos que o cercavam.

044 - LANÇAMENTOS. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 07 maio de 1994. Idéias/ Livros, p. 3

Primeiro de abril: narrativas da cadeia, de Salim Miguel. José Olympio, 118 páginas, 10,70 URVs

■ Retrato ficcional do golpe militar de 1964 e a repercussão desses acontecimentos na vida dos personagens. O livro relata os 50 dias passados pelo personagem principal numa prisão militar em Florianópolis, descrevendo os tipos humanos e acontecimentos pitorescos que o cercavam.

045 - NEVES, Cesar Tartaglia e Tânia. Pessoas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 maio de 1994. Cultura, p. 10

■ O secretário de Cultura de Florianópolis, **Salim Miguel**, é o convidado de amanhã do “Encontro de escritores” da livraria Agir.

Falará sobre seu novo livro: “Primeiro de abril, narrativas da cadeia”.

046 - Primeiro de abril. D. O. **Leitura**. São Paulo, 12 maio de 1994.

Livraria José Olympio Editora. Rua Marquês de Olinda 12 — 3º andar — 22251-40 — Rio de Janeiro - RJ.

Um Paraíso Perdido — Ensaaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia, Euclides da Cunha, Leandro Tocantins (Org.).

Menino de Engenho, José Lins do Rego.

Primeiro de Abril — Narrativas da Cadeia, Salim Miguel.

Série Beto e Bia: A Turma na Escola, A Turma da Rua, A Turma na Festa, A Turma no Parque, Iduína Mont'Alverne Chaves, Sylvia de Castro e Tania Cozzi.

Crítica

Mário Pontes

Memórias dos outros

As memórias de Carlos Reverbel e a de Salim Miguel não pretendem ser expansões narcisísticas. Os autores, que fizeram muito pela cultura brasileira, gostam de sair de cena e deixam brilhar outras personagens

Sabe-se que há uma certa grandeza na repetição e na rotina, e é a sua existência que torna aceitável um dedinho de narcisismo nas memórias daqueles indivíduos que, apesar de esforçados, não chegaram a Moisés, nem a César, nem a Goethe. O mal é que com muita frequência os memorialistas não têm mãos a medir. Escrevem como se estivessem numa sala de banho turco: imersos nos odoríficos vapores da auto-adulação, concebem o mundo como se não fosse maior do que o próprio umbigo. O fruto de suas vidas não passa de uma laranja mirrada, mas fazem tudo para nos convencer de que a humanidade foi empurrada por eles, que eles foram o excitante do tempo e o tônico das gerações.

Ainda bem que existe a outra face da moeda. Há pessoas não muitas, é verdade, que tendo contribuído substancialmente para dar um empurrãozinho no mundo e para dignificar o ser humano, ao alcance de suas forças, têm o cuidado de descartar-se das ilusões e das máscaras quando se dispõem a lembrar o passado. Compreensivelmente, o que esses memorialistas acabam por produzir não são rigosamente memórias de si mesmos, mas memórias dos outros. Os outros é que são preferencialmente lembrados, admirados e exaltados pelos seus empreendimentos, dos quais esse autor de baixo índice narcísico admite apenas ter participado como qualquer outro.

Veio-me essa recorrente distinção ao completar a leitura de *Arca de Blau*, memórias de Carlos Reverbel, personalidade luminosa e amável do mundo intelectual de Porto Alegre. Foram memórias relatadas a uma jovem colega de profissão. Não porque Reverbel estivesse impedido de redigi-las, mas porque, aos 82 anos, não queria gastar com elas o precioso tempo que reserva às suas leituras e suas infundáveis pesquisas históricas.

Nas passagens em que trata a si mesmo para a boca do palco, Reverbel se esforça por passar ao leitor a idéia de que é apenas um jornalista igual ao demais, que nem mesmo se distinguiu por textos extraordinários e cargos bem remunerados. O que não deixa de ser verdade. Mas tam-

bém é verdade que a marca de Reverbel está indelével na imprensa do Rio Grande, em especial na área da divulgação e da promoção da cultura. Editando por anos e anos páginas e cadernos literários do *Correio do Povo* — o jornal líder de Porto Alegre na primeira metade do século —, Reverbel teve como colaboradores os melhores escritores da região, que exploraram, em artigos, ensaios e resenhas, toda uma variedade de temas relacionados com a literatura, a história e a cultura do país. Foi notável a colheita do nosso lavrador de talentos.

Reverbel participou também de uma das mais frutíferas aventuras da história do livro do Brasil, que ele rememora disfarçando a emoção e revelando detalhes desconhecidos do grande público. Falo da rápida e surpreendente transformação da Globo, livraria portalegrense e eventual publicadora de livros de interesse puramente local, na grande editora nacional dos anos 40 e 50, que ousou bancar empresas como as traduções completas da *Comédia humana*, de Balzac, e *Em busca do tempo perdido*, de Proust. Além de ter

Os outros é que são preferencialmente lembrados, admirados e exaltados pelos seus empreendimentos

criado um magazine de muito sucesso, a *Revista do Globo*, e uma preciosa revista de cultura, a *Província de São Pedro*.

Para variar, Reverbel põe em destaque o desempenho, sem dúvida brilhante, dos responsáveis pela façanha, — Henrique Bertaço, Érico Veríssimo, Justino Martins, e mais um bocadinho de notáveis jornalistas, ficcionistas, poetas e historiadores que fizeram daquele período um ápice na vida intelectual de Porto Alegre, com irradiação para o país inteiro —, enquanto sobre si próprio diz apenas o suficiente para não desautorizar a palavra *memórias* impressa em tipo pequeno na capa do volume.

Carlos Reverbel parece relutante até mesmo em informar o



Carlos Reverbel: *personagem luminosa do mundo intelectual de Porto Alegre* leitor de que, além de jornalista, ele é também um escritor, com vários livros publicados, dois dos quais justificariam uma vida. O primeiro, *Um capitão da Guarda Nacional*, biografia de Simões Lopes Neto, o criador do Blau; e *Maragatos e picapaus*, uma pequena obra-prima sobre a Revolução Federalista de 1893, com destaque para os feitos militares de Gumerindo Saraiva, que como El Cid continuou a comandar o seu exército mesmo depois de morto.

Em tempo: a repercussão desses dois livros não foi nem por sombras a que mereciam. O primeiro, apesar de publicado em 1981, foi ignorado, juntamente com seu autor, no *Quem é quem nas letras rio-grandenses*, editado em 1982 pela prefeitura de Porto Alegre. Claro, Simões Lopes Neto passou pela vida como um genial fracassado; e os federalistas brasileiros continuam a perder para os seus adversários de sempre.

Reverbel, que começou a carreira de jornalista em Florianópolis, editou — e pagou! — a primeira resenha literária que o então jovem catarinense Salim Miguel escreveu. Uns 11 anos mais moço do que o colega rio-grandense, Salim reuniu o Grupo Sul, com o qual o modernismo afinal deitou raízes em Santa Catarina; fundou revistas, entre as quais a memorável *Ficção*; foi um dos pioneiros do cinema em Santa Catarina; e um dos responsáveis pela criação do primeiro museu de arte

moderna daquele estado; e é até hoje um incansável animador cultural em sua cidade. Mas é também escritor, com vários livros de ficção e ensaio já publicados. Seu título mais recente é *Primeiro de abril*, um livro memorialístico. Diferente *Arca de Blau* pela sua estreita circunscrição temporal e pelo seu tom romanesco, embora seja perfeitamente documental. E parecido com o de Reverbel na medida em que também ele o mais das vezes sai de cena para deixar que os outros a ocupem.

As memórias de Salim cobrem os quarenta dias de sua prisão, logo após o golpe de 1964. E se alguém espera encontrar algum impávido herói nesse relato, desista enquanto é tempo. Salim não era militante político. Tinha lá suas idéias. E por azar, fora dono, anos antes, de uma livraria em Florianópolis, que só por isso ardeu em chamas naquela data fatídica. Descontadas essas frágeis premissas, Salim entrou e saiu sem saber o motivo da prisão, como não sabiam das suas dezenas dos homens simples que dividiam o cárcere com ele. Mas em vez de ficar o tempo todo matu-

Reverbel se esforça por passar ao leitor a idéia de que é apenas um jornalista igual aos demais

tando sobre a infeliz circunstância, Salim ocupou-se de conhecer os outros, descobrir seus conflitos, registrar suas reações, descrever seu dia-a-dia no internamento e resgatá-los para a história no momento da derrota e da perplexidade.

Em tempo novamente; a epígrafe de *Primeiro de abril* foi extraída das *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, e os autores preferidos de Salim Miguel são do calibre de Italo Svevo e Robert Musil.

Arca de Blau, de Carlos Reverbel & Cláudia Laitano. Artes e Offícios, Porto Alegre, 190 páginas

Primeiro de abril, de Salim Miguel. José Olympio, Rio de Janeiro, 118 páginas.

REGISTRO

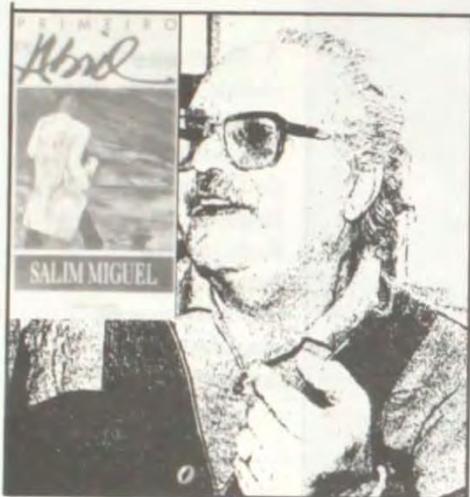
A José Olympio Editora lança “Primeiro de abril - narrativas da cadeia”, de Salim Miguel. Nele, o autor passa em revista o golpe militar de 1964 e, sobretudo, a experiência de quem, durante 50 dias, amargou a prisão. Embora seja um livro de memórias, constata-se nele a força do ficcionista, os artifícios, as técnicas de que se vale para emprestar maior verossimilhança à **espinha dorsal** dos fatos vistos retrospectivamente, sem o passionalismo do “calor da hora”. Muito bom este lançamento da José Olympio. ***** De uma só

049 - SENA, Carla. Memórias tristes. **O Fluminense**. Niterói, 24 maio de 1994

Memórias tristes

Primeiro de Abril — narrativas da cadeia, de Salim Miguel. Editora José Olympio, 136 páginas. Salim resgata os sombrios fatos ocorridos em 1964 quando passou 50 dias numa prisão militar em Florianópolis. Na época ele já era um conhecido intelectual, atuando como redator da agência nacional. Mesmo sem fatos inéditos, a narrativa prende o leitor já que Salim é um excelente ficcionista. Os capítulos utilizam a técnica do flashback e são totalmente autônomos. Trinta anos depois do golpe, a edição ainda emociona e assusta. Salim é um dos criadores da revista *Ficção*. Atualmente, ainda mora em Florianópolis.





Salim Miguel escreveu o primeiro depoimento sobre o golpe de 1964 fora do eixo Rio-São Paulo.

Narrativas da cadeia

Primeiro de abril - Narrativas da cadeia é o título do novo livro do escritor e jornalista Salim Miguel, que durante anos foi diretor da editora da Universidade Federal de Santa Catarina, sendo responsável pelo lançamento de vários livros.

Neste trabalho, Salim lembra os dois meses em que ficou preso no Quartel da Polícia Militar em 1964: "Dividi o livro em 16 capítulos onde procuro reunir fatos e reações minhas e dos outros 59 presos" - diz.

Décimosegundo livro de sua obra, *Primeiro de abril* foi escrito na segunda pessoa e baseia-se em fatos reais, apesar do forte conteúdo ficcional: "Cada capítu-

tulo se fecha em si mesmo, mas sempre um remete ao outro", lembra.

Para escrever este livro, Salim valeu-se de um diário que havia escrito durante sua permanência na prisão: "Só consegui escrever o diário porque minha mulher burlou o esquema de segurança e me enviou um lápis e caderno no meio das roupas".

Fato inédito

Pela primeira vez na história da literatura brasileira um livro é editado sobre o golpe militar de 1964 fora do eixo Rio-São Paulo: "Meu livro conta as experiências que vivi na prisão em Florianópolis, onde morava, depois que fui preso. Com isto, mostro como ocorreu o movimento naquela cidade".

O livro comemora, ainda, o 70º aniversário do autor que nasceu no Lbano, mas foi criado em Florianópolis e viveu durante anos no Rio de Janeiro. Atualmente, radicado naquela cidade, Salim é presidente da Fundação Franklin Cascais. No momento ele trabalha em outro projeto: na novela *As várias faces*.

Além da literatura, Salim tem passagem pelo cinema. Dirigiu, juntamente com sua mulher, Eglê Malheiros, o único longa-metragem da história cinematográfica de Santa Catarina, *O preço da ilusão* e assinou vários outros.

Em sua obra, destacam-se os livros: *Rede*, *A voz submersa*, *A vida breve de Sezefredo das Neves*, *Dez contos escolhidos*, *Velhice e outros contos*, *O castelo de Frankstein*, *O erotismo no Conto brasileiro*, entre outros.

051 - MENEZES, Carlos. Novo de Salim Miguel, 04 out .de 1994.
Livros, p. 07. Recorte de jornal sem nome do jornal.

■ **NOVO DE SALIM MIGUEL** —
Depois de “1º de abril — Narrativas
da cadeia”, editado no início do ano
pela José Olympio, o escritor Salim
Miguel lançará este mês “As várias
faces — Novela em três atos”, com o
selo da editora Movimento, de Porto
Alegre. “1º de abril” está com a edi-
ção praticamente esgotada.

Documentando os porões do Golpe

Primero de Abril
— Narrativas da
Cadeia, conta a prisão
do autor, Salim Miguel

Marco Polo

Eles quiseram nos impingir a denominação de Revolução. Mas a memória guardou mesmo foi o Golpe. Eles quiseram, para comemoração, impor a data de 31 de Março. Mas quem se refere ao fato gosta de dizer que começou mesmo foi no dia 1º de Abril, o Dia da Mentira. A ditadura, os anos de chumbo, os tempos obscuros, quando militares ignorantes e truculentos mandaram e desmandaram neste pobre país, têm agora mais um documento, sob o ponto de vista dos que sofreram os desmandos e arbitrariedades que se tornaram cotidianos. Trata-se do livro *Primeiro de Abril — Narativas da Cadeia*, de Salim Miguel.

Jornalista, escritor, cineasta e ex-livreiro, Salim estava em sua sala na Agência de Notícias, de Florianópolis, no dia 2 de abril, literalmente perplexo com o que estava acontecendo e tentando redigir um boletim informativo sobre a tranquilidade que reinava na capital de Santa Catarina, quando foi “detido para averiguações”, como se dizia. Só que, como num livro de Kafka, ele não sabia porque nem ninguém lhe explicou.

Foi ao longo dos 48 dias em que permaneceu preso que ele ficou sabendo: era tido como um subversivo, um adepto das teorias “exóticas e alienígenas” do comunismo, que ameaçavam a pátria, a família e a tradição. Na verdade, o máximo de subversão que ele tinha cometido foi ter participado de encontros de jornalistas e escritores, onde foram debatidos problemas sociais. E de se reunir semanalmente com amigos, na livraria Anita Garibaldi ou sob a secular figuera da Praça 15, para discutir arte e cultura, entre goles de cerveja e uísque.

Mas eram tempos duros. Pouco depois sua mulher também foi detida.



E qualquer pessoa ressentida ou invejosa poderia acusar quem quisesse, que o desafeto era preso, sem maiores explicações. Até que tudo fosse esclarecido, o trauma já estava incutido. É assim que, na cadeia, Salim vai acompanhando os fatos e a chegada de novos presos, que chegam ao número de 60. Ele fica sabendo que tocaram fogo da sua ex-livraria, a Garibaldi, por considerá-la um “antro de subversão”. Livros sobre o cubismo são destruídos, por acharem que fala de Cuba; o célebre romance *O Vermelho e o*

Negro, de Stendhal, é queimado por ser confundido com uma bíblia “vermelha”, ou seja comunista; outro romance, *A Capital*, de Eça de Queiroz é rasgado aos gritos de ser um comentário de *O Capital*, de Marx, e assim por diante, numa demonstração da categoria mental dos incendiários.

De madrugada, é costume dos guardas acordá-lo para dar passeios terroristas, em que levam-no para lugares desertos dizendo que vão fazê-lo sumir.

Os interrogatórios são peças de *non sense*, com os algozes querendo por

força que ele confesse crimes que não cometeu. Enfim, toda a ciranda de torturas psicológicas — no caso dele não houve tortura física — que os militares costumavam empregar com os “suspeitos”, naquela época.

Mas o livro não é só feito de fatos sombrios. Mesmo sob circunstâncias adversas, Salim Miguel não perde o saudável hábito — distorção profissional de jornalista e, principalmente, de escritor — de observar tudo, meio como se estivesse de fora do que está acontecendo. Isto lhe permite traçar com serenidade os curiosos perfis dos seus companheiros de cela, contar casos engraçados e reproduzir diálogos delirantes.

Documentário escrito em forma romanceada, *Primeiro de Abril — Narrativa da Cadeia*, é todo narrado na segunda pessoa do singular, técnica experimental inaugurada na década de 60 pelo escritor francês Michel Butor, integrante do movimento *nouveau roman*. No final do livro, Salim é libertado.

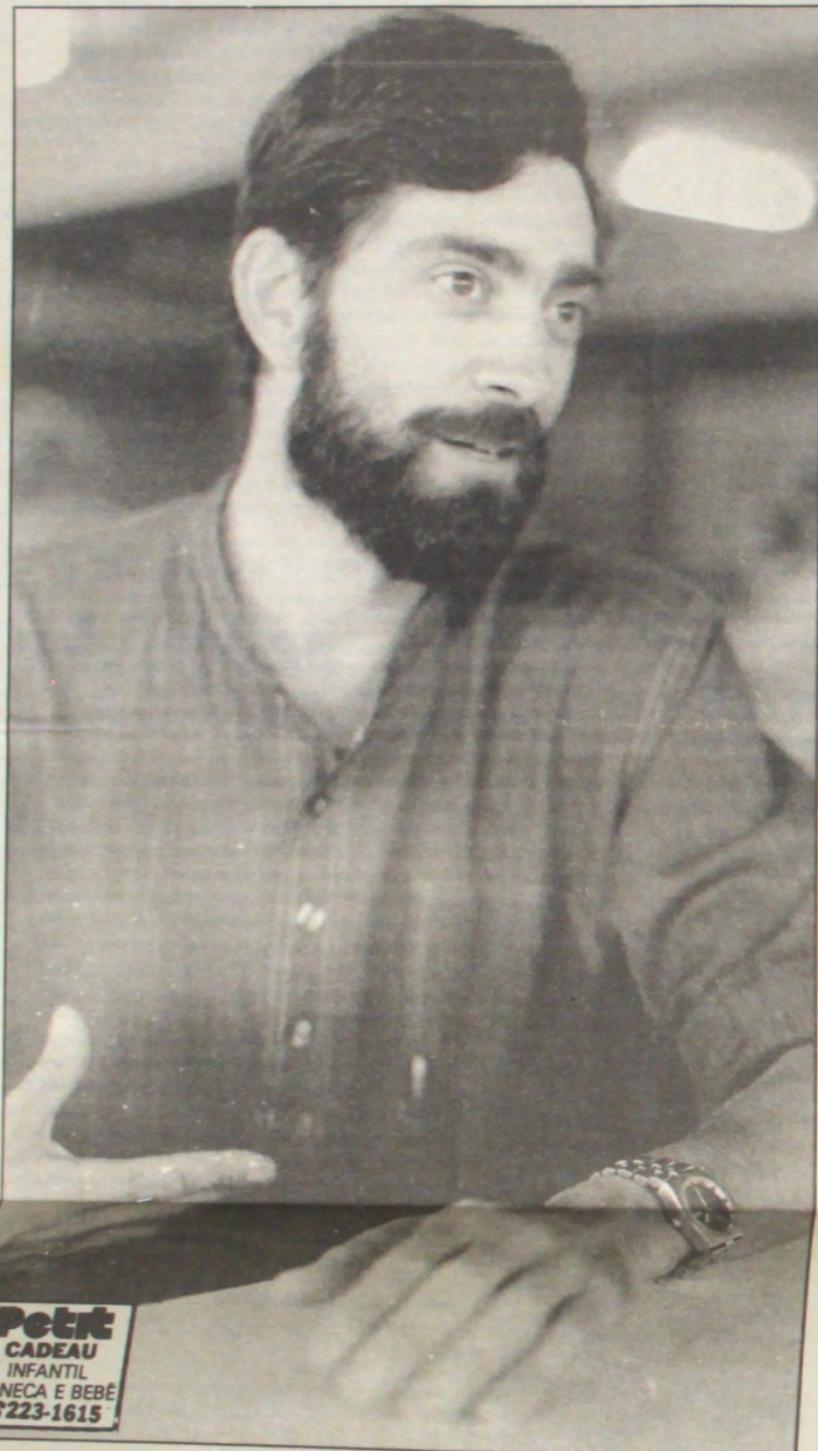
Apenas para presenciar mais de perto uma realidade que tende a endurecer cada vez mais: muitos “amigos” evitam falar com ele na rua, outros fazem força para que seja demitido. Ironicamente, o auxílio vem de um escritor tido como conservador e de direita, Adonias Filho, que o leva para o Rio de Janeiro, onde ele pode passar mais despercebido, na multidão.

Tal como *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos e *Recordação da Casa dos Mortos*, de Dostoiévsky — guardadas as devidas proporções, é claro — *Primeiro de Abril — Narrativas da Cadeia*, vem se juntar aos relatos de escritores presos por “regimes de exceção” que temiam a discussão livre de todas as idéias, e a criatividade dos inventores do novo.

► *Primeiro de Abril — Narrativas da Cadeia* — Salim Miguel — José Olympio Editora — 117 páginas.

Identidade catarinense em letras

Envolvimento



Identificado com a literatura estadual há anos, Hohlfeldt analisa o romance

VERA SOMMER

A Academia Catarinense de Letras, sob a presidência de Paschoal Apóstolo Pitsica, promove noite cultural no Palácio Cruz e Sousa. Será hoje, a partir das 20 horas, com uma pequena solenidade de entrega de prêmios a alguns escritores catarinenses, seguida de coquetel e recital de poemas. Os homenageados são o poeta Lindolf Bell - pelos 30 anos da Catequese Poética; a Editora da UFSC - pelo apoio que tem dado à cultura catarinense; e os escritores Raimundo Caruso - revelação no gênero do romance com *Noturno 1894*; e Ruth Laus - revelação na área da memória literária com *A Décima Carta, Laus Apenas*.

Estes foram os nomes apontados como destaque na literatura de Santa Catarina ao longo deste ano. A seleção foi feita pela comissão integrada por Celestino Sachaet, Alcides Abreu, Hoyedo G. Lins, Paulo Lago e Urda Klueger. E este happening cultural promovido pela Academia Catarinense de Letras objetiva incentivar a produção literária e reconhecer aqueles que perpetuam as tradições catarinenses. Segundo o crítico Antônio Hohlfeldt, Santa Catarina estava praticamente parada dos 60 aos 70, com raríssimas edições. O boom aconteceu depois dos 80, em termos de quantidade e qualidade.

"Havia publicações esparças, não um movimento literário, já que a articulação de 50, com o Grupo Sul, tinha se esfacelado no início dos 60. Além disso, ninguém estudava as raízes da literatura catarinense. A UFSC, por sua vez, também estava de costas para essa realidade", observa Hohlfeldt. Na semana passada, ele esteve em Florianópolis para lançar o segundo volume sobre a literatura catarinense intitulado *A Literatura Catarinense em Busca da Identidade - o Romance*, uma publicação conjunta da Movimento/Prémémoria/Instituto Nacional do Livro/Editora da UFSC/FCC. A seguir, a entrevista exclusiva que Antônio Hohlfeldt, de 46 anos, concedeu ao DC.

D iário Catarinense - Por que você escolheu a literatura catarinense com objeto de estudo e não a gaúcha?
 Antônio Hohlfeldt - Isso é um negócio antigo pra caramba. Tudo começa no *Caderno de Sábado* (do Correio do Povo), realmente. Na década de 60, a editora Movimento, cujo proprietário é Carlos Jorge Appel - pouca gente sabe que ele é catarinense, de Brusque - começou a lançar autores catarinenses: Manoel Medeiros Vieira, Oldemar Menezes, o próprio Salim Miguel. Eu fazia as resenhas do *Caderno de Sábado*, tinha um catarinense que estava próximo da gente, o próprio Manoel Medeiros Vieira - estudava direito em Porto Alegre, e participava da equipe das terças-feiras da coluna de Cinema da *Folha da Tarde*, junto comigo. Havistoda uma relação. Então a gente começou a resenhar os gaúchos, catarinenses e outros escritores. Mas, pela quantidade de obras, acabou havendo uma concentração de catarinenses, além de gaúchos. Ai, a FCC (Fundação Catarinense de Cultura) me convidou para fazer um livro sobre a literatura de Santa Catarina, pegando esse material que eu já vinha publicando. Eu preparei este volume, levei um ano e pouco, e tive um pequeno empecilho. Na hora de editar, o Conselho de Cultura tinha que dar seu parecer, que foi contrário porque não quis incluir dois escritores que eles queriam, fugindo dos critérios que tinha estabelecido.

DC - Mas quais foram os critérios adotados na seleção dos escritores deste volume sobre romance?

Antônio - São todos escritores nascidos nos anos 20 que passam a publicar depois dos 50, a partir do Grupo Sul. Foi um critério para trabalhar com contemporâneos. Eu poderia trabalhar com os velhos, mas esse foi o meu critério. E depois há, evidentemente, a qualidade. Quer dizer, um critério, e eu corro o risco. Nesse critério eu não havia incluído dois escritores, por isso deram parecer contrário, e o livro empacou. Estava com o projeto pronto em 1981, então passei a resolver o problema da edição. A final, foi um trabalho imenso. Então levei cinco anos para conseguir publicar o primeiro volume, que é este daqui *A literatura catarinense em busca de identidade: o Conto*. Que, através do INL (Instituto Nacional do Livro), em 1986, mais a editora Movimento, saiu o volume. Claro que eu atualizei. Eu tinha "x" escritores com "x" livros e eu continuei atualizando, cada livro novo eu incluía um capítulo, então o livro foi crescendo até ser publicado.

DC - Porque o conto primeiro? Havia mais facilidade e maior produção?

Antônio - Porque a gente ainda estava naquele boom do conto. A avaliação foi a seguinte: o conto vai vender mais do que se a gente lançar um volume sobre romance ou poesia. Mas a gente podia lançar qualquer um naquele ano, pois os três estavam prontos. Eu tenho os três volumes prontos, e a loucura



"No século passado, havia o Cruz e Sousa e, neste, Lindolf Bell, Alcides Buss, três ou quatro caras que romperam as barreiras"

é atualizar. Tanto que já entreguei ao Alcides Buss (diretor da Editora da UFSC) o volume da poesia e eu espero que saia ano que vem.

DC - Esses volumes sobre a literatura catarinense servem como registro histórico da trajetória dos escritores catarinenses, ou não?

Antônio - É. Tem todo um trabalho importante que é do Iaponan Soares, sobre o panorama do conto catarinense e sobretudo das coisas do passado. Do Celestino Sachaet e do Lauro Junkes, mais registros daquelas obras críticas que eles publicaram pela Lunardelli, fazendo registros bibliográficos, pequenas antologias e destacando alguns textos. Mas não havia um resumo numa abordagem crítica e abrangente dos escritores. Na verdade, é isso que estou fazendo. Ou seja, estou pegando a literatura catarinense contemporânea, evidentemente que sob a minha responsabilidade quanto à seleção dos nomes, e dando uma panorâmica.

DC - Porque o título *A literatura catarinense em busca de sua identidade*? Os escritores catarinenses não se definiram, é isso?

Antônio - Eu acho que não. Em primeiro lugar porque Santa Catarina é basicamente um estado de colonização. Portanto, ela ainda está criando uma identidade. Mas essa busca não é um

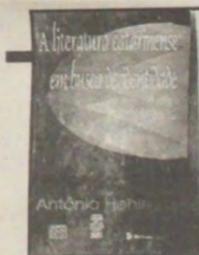
aspecto negativo, ao contrário. Aliás, acho que interessante em SC é essa diversidade cultural. Por exemplo, um mesmo escritor pode pegar perspectivas culturais e geográficas completamente diferentes. O Guido Sassi faz um livro como *Piá* - que se passa nos pinheirais de Lages; depois o *São Miguel* que se passa lá nas barrancas do rio Uruguai, no extremo oeste de Santa Catarina; e faz, por exemplo, depois *O Calendário da Integridade*, que é um livro que se passa com os homens que trabalham nas plataformas de pesquisa petrolífera, o mar.

DC - Também tem o Márcio Camargo que, com o *Quieras*, explora agora a cultura indígena, a versão do oprimido e não do opressor.

Antônio - É, e não te esquece que mesmo nesse lado indígena, estou envolvido com SC. Porque, afinal de contas, um dos livros mais importantes publicados em Santa Catarina - o do Silvío Pedro dos Santos - foi feito junto comigo, através de mim, pela USC, pois na época eu lecionava na Universidade de Caxias do Sul. Inclusive o livro é bilíngüe, belíssimo, um álbum grande, todo cromado. O livro foi viabilizado em 1986, quando eu participava da fundação da ANAI (Associação Nacional de Apoio ao Índio). Além disso, eu fiz uma novela sobre o Rio Grande do Sul, que se passa em 1742, que é *A Solidão na Terra dos Loucos*, sobre a fundação do Forte Jesus Maria José. Ele marca o início da história do Rio Grande. Para fazer isso, eu tive que buscar a história de Laguna, afinal foram vincentivos e lagunenses que fundaram o Forte Jesus Maria José, os primeiros povoadores. Tem ainda o chamado Roteiro do Silveira, que era a primeira rota de viagem que saía do Forte e buscava a área de Laguna e depois subia até Sorocaba e São Vicente. Então, na verdade, por outro lado, foram os gaúchos que ocuparam o espaço todo de Lages, do Planalto todo. Logo é difícil contar a história de Santa Catarina sem contar a história do Rio Grande do Sul e contar a história do RS sem contar a de SC. Assim pega tu podes pegar o português, o açoriano (para distinguir aquele primeiro momento da ocupação de Laguna da vinda dos açorianos depois), o libanês, o italiano, o alemão e o índio. Tens aí um conjunto de culturas fantásticas.

DC - Mas como se pode definir a literatura catarinense?

Antônio - Se não existe propriamente uma vanguarda na prosa catarinense, há escritores de importância nacional, como o Salim Miguel e o Guido, entre outros. Em compensação, na poesia, tu tens vanguarda em Santa Catarina. Um negócio muito curioso. No século passado, havia o Cruz e Sousa, e neste, Lindolf Bell, Alcides Buss, três ou quatro caras que romperam barreiras, inventaram coisas, propuseram alternativas. Talvez porque a poesia é mais revolucionária. A própria forma poética é mais flexível. Além disso, boa parte dos escritores catarinenses não ficavam aqui porque não tinham público. É bom lembrar que tudo começou com o Appel, professor de literatura cassado na UFRGS pelo golpe de 64, que criou a editora Movimento, começou a publicar gaúchos articulados. Na verdade, os catarinenses começaram quase todos a publicar



"Já vendi pra Ática uma estorinha que se chama *A Greve das Namoradas*, feita em Laguna, nas férias. Projetos não faltam"

agora, com exceção do Grupo Sul.

DC - Paralelo ao trabalho de crítica, você continua produzindo ficção, ou está deixando isso mais de lado?

Antônio - Continuo escrevendo ficção. Há dois anos lancei *O Exílio na Terra dos Números*, que é uma novela histórica, em que conto um episódio completamente desconhecido no Rio Grande, o primeiro episódio do movimento social do Rio Grande do Sul, a chamada Revolta dos Dragões, 1737 em diante, no Forte Jesus Maria José. Também tenho trabalho muito a ficção infanto-juvenil. No início do ano, saiu a novela *O Caso do Contrabando no Taim*, que também incorpora à geografia literária uma região que nunca foi tema - a reserva do Taim. Já entreguei outra novela que também se passa no Rio Grande e aqui em Santa Catarina, *O Cavaleiro da Rosa do Supermercado*. Já vendi pra Ática uma estorinha que se chama *A Greve das Namoradas*, que foi feita aqui em Laguna, nas férias. Mas projetos não faltam.

054 - LIVROS - Salim. O Estado. Florianópolis, 07 dez. de 1994. Lazer

SALIM — O escritor catarinense Salim Miguel lança hoje às 20h30min no Museu Histórico Cruz e Sousa o livro "As Várias Faces", uma novela em três atos. Durante o evento estará a venda também o livro "Primeiro de Abril - narrativas da cadeia", também de Salim Miguel.



1 Primeiro de Abril, subtítulo **Narrativas da cadeia**, é o título do livro de Salim Miguel, veterano e conhecido jornalista, escritor, roteirista e argumentarista de cinema. O livro tem orelha assinada por Moacir Werneck de Castro. Edição da José Olympio, 117 páginas, é um relato dos tempos de prisão sofridos pelo autor, quando foi deflagrado o golpe militar de 1964. Salim Miguel encontrava-se, então, em Florianópolis, na condição de responsável pelo escritório da Agência Nacional e trabalhava, ainda, como assessor de imprensa do governo do Estado de Santa Catarina.

O enclausurado vê pouco o mundo de sua clausura, mas lembra muito os sofrimentos que por lá passou.



No cárcere, perplexo

JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA

Esta é uma narrativa diferente sobre memórias do cárcere. O autor, o jornalista e escritor Salim Miguel, decidiu dar à sua narrativa uma interpretação de perplexidade onde ele indaga a si mesmo sobre uma situação inesperada: “Estás encostado à cadeira, braços no espaldar, pensamento distante — e em tua cabeça só a mesma palavra transita, se fixa: perplexidade”.

Foi assim, em meio ao inesperado que se viu subitamente atirado na reclusão de um cárcere militar em consequência do golpe de 64.

Salim Miguel chefiava o escritório da Agência Nacional em Florianópolis e trabalhava na assessoria do governo de Santa Catarina, quando foi preso sem maiores explicações. O País estava envolvido pela culto da delação, das acusações sem provas. E foi ali, entre perplexo e depressivo que curtiu 48 dias até que recobrou a liberdade. Nesse hiato, nesse pesadelo, ele reuniu como um quebra-cabeças o que se passava em torno de si e na sua memória. A sensibilidade mergulha numa poesia amarga e sem pressa rememorando tudo

que formou no seu pensamento: “Rubras chamas balouçam, fagulhas explodem, batida pela aragem a negra fumaça se eleva, lambe folhas de arbustos, pessoas assustadas recuam, olhares pasmos diante do que ocorre”.

Esse depoimento, tão informal como poético, se sobressai de quantos outros depoimentos foram escritos sobre as vítimas de uma prisão política no golpe de 64. Lê-se como um romance, inventivo e por vezes onírico, este *Primeiro de Abril (Narrativas da Cadeia)* de Salim Miguel. Como bem ressalta Moacir Werneck de Castro, o poder criativo do autor está “habilmente construí-

do com capítulos que podem funcionar como módulos autônomos, usando com boa técnica o *flashback* e a revelação do que viria depois, o livro de Salim Miguel se acrescenta à sua bibliografia de muitos títulos com uma nova e marcante contribuição à história do golpe de 1964 e seus ecos pelo país afora”.

Aqui o autor reproduz o pesadelo dos interrogatórios, recolhe em perfis fragmentos de diálogos, juntando rostos que ficaram ao longo dos acontecimentos: “Ameaçaram me bater pra que eu confessasse, confessar o quê? Iam me torturar como se eu fosse um comunista, elemento perigoso à sociedade. Estou aqui por um equívoco”.

Quem melhor define a suposta culpabilidade de Salim Miguel é o escritor e crítico baiano Hélio Pólvora, autor do posfácio da presente edição: “Onde está a subversão?” indaga Hélio Pólvora. “Relembro Salim em

suas vindas ao Rio, as conversas na mesa de bar até alta madrugada; a angústia de Salim que também era a nossa angústia: forçados a sobreviver, forçados a ganhar dinheiro para o almoço e jantar do dia seguinte, dificilmente podíamos conciliar a vida e a arte; os temas de contos, novelas e romances enchiam nossas cabeças e nos levavam ao desespero.

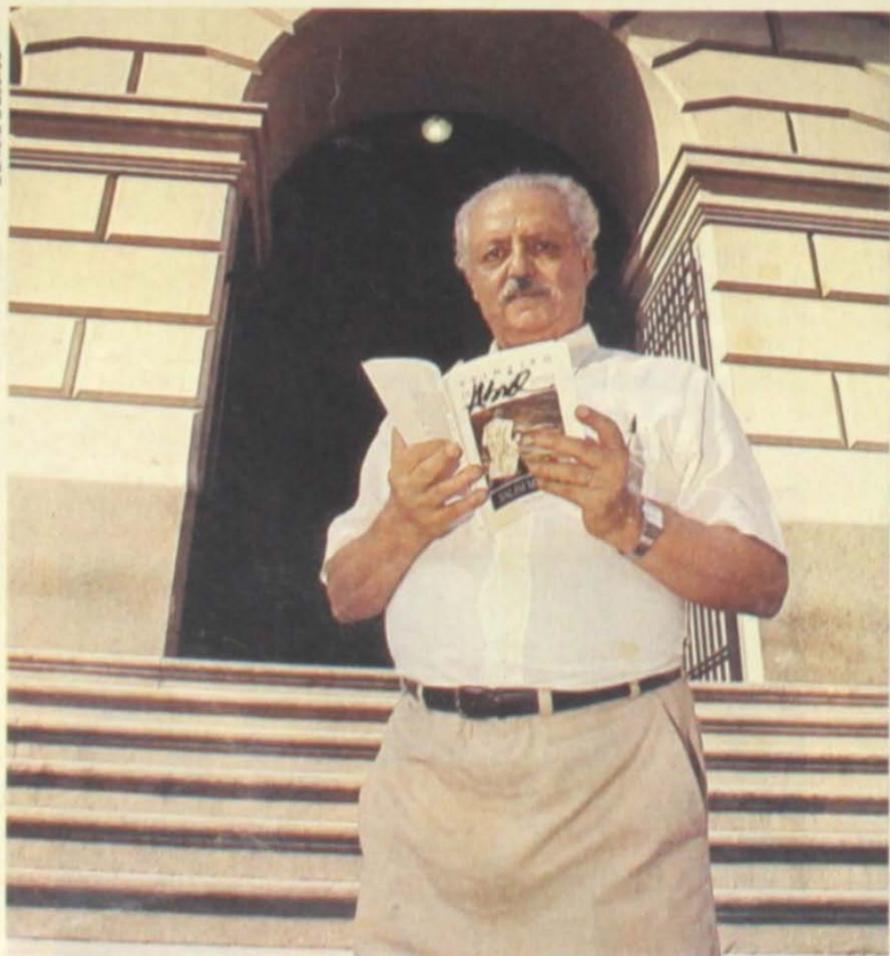
Se este sentir, este sofrer, se esta busca do autêntico, se este esforço de definição constituem acaso ato subversivo, então toda esta nova geração brasileira, que saiu ou está por sair das universidades que está escrevendo, lendo, estudando ou simplesmente se preparando para viver como homens responsáveis — então todos nós merecemos estar segregados na cadeia em lugar oculto e não sabido, e sem direito de defesa, sem direito a qualquer *habeas-corpus* que já foi uma instituição brasileira por excelência”. (Depoimento publicado em 7 de junho de 1964 no *Jornal do Brasil*)

**Primeiro de Abril
(Narrativas da
Cadeia),**

de Salim Miguel.

Rio de Janeiro:
Editora José
Olympio; Posfácio:
Hélio Pólvora, 1994,
117 págs.

Daniela Dacorso



O ROMANCE DA TORTURA

● Memórias do cárcere, sim senhor. Não as de Graciliano, claro: as memórias de **Salim Miguel**, que, depois de passear pelos romances e críticas literárias, tirou do seu baú de lembranças o diário que escreveu nos 48 dias passados na cadeia, em Florianópolis, durante a ditadura de 64. *Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia*, décimo segundo livro de Salim, conta o que ele viveu, junto com outros 60 presos políticos, num alojamento da Polícia Militar. Graciliano aplaudiria.

A Livraria Presença e a Editora José Olympio convidam
para o lançamento do livro:

PRIMEIRO DE ABRIL

NARRATIVAS DA CADEIA

do Jornalista e escritor

Salim Miguel

Data:

05 de maio - quinta-feira à partir das 19:00 horas

Local:

Livraria Presença - SCLS 102 Bl. C Loja 05 - 225-5422

(Rua das Farmácias)

“Nos primeiros dias da prisão, minha mulher me mandou um caderno em branco, uma caneta e um lápis. Eu passei a anotar a reação minha e dos demais no dia-a-dia da prisão. Fiz isso durante todos os dias em que estive preso, 48 dias. Saí da prisão, botei isso no fundo de uma gaveta e assumi como uma lembrança dos 48 dias que espero não serem repetidos”.



Sem mágoas, mas compromissado com o relato histórico, o escritor Salim Miguel, 70 anos, lança na próxima terça-feira, no Restaurante Reçaka o décimo-segundo livro da sua trajetória, o qual enfoca os 48 dias em que ele esteve preso no Quartel da Polícia Militar, em Florianópolis, através de decisão do regime militar. “1º de Abril-Narrativas da Cadeia” (Editora José Olympio, 117 páginas) narra ficcionalmente fatos reais ocorridos durante a ditadura militar. O escritor catarinense deve lançar ainda neste ano a novela “As Várias Faces”, outra reflexão sobre o golpe de 64. Na entrevista a seguir, o também diretor da Fundação Franklin Cascaes detalha alguns trechos da obra, que também será lançada em Brasília, no dia 5 de maio.

“Toda aquela carga de raiva, de mágoa, tudo isso, o tempo desmancha um pouco. Aí eu pude trabalhar isso sem carga de vingança ao mostrar de uma forma literária tudo o que aquilo representou. Há até certas páginas com uma certa linha de humor”.

Sem gosto de vingança

Osmar Gomes

Em “1º de Abril — Narrativas da Cadeia”, seu décimo-segundo livro, que novidades sobre o golpe militar de 64 é trazida? Salim Miguel: Na verdade, esse diário não foi escrito para ser publicado. Durante 30 dias, estive-

to, não tinha saído nada. Pensei em não fazer um diário, reunião de memórias ou depoimentos. Quis retrabalhar ficcionalmente os fatos reais daqueles 48 dias. O livro todo foi narrado na segunda pessoa. Percebi que havia blocos compactos que poderiam ser publicados ou lidos independentemente e também vi que um bloco se fechava no seguinte.

Há liberdade na pontuação?

SM: Por um simples motivo: é mais a maneira como eu estava vendo os outros presos do que eles estavam propriamente dizendo, embora na minha maneira de narrar haja um período que não contenha nem ponto nem vírgula. É a maneira como um dos presos falava. Um jorro contínuo sem

nada a falar com o Jader. O comissário, então, disse que eu não estava entendendo e afirmou que eu estava detido. Eles nunca usavam a palavra preso. Era detido para informações. Isso terminou num bate-boca. No capítulo “A Prisão”, eu digo que ao invés de um bate-boca, mais adiante, eles teriam me moído a pancadas.

No início da narração, você usa a palavra perplexidade com várias conotações. Coloca-a até em caixa alta. Qual a razão?

SM: São duas vertentes que a palavra perplexidade tem. A primeira é que por mais que a pessoa esteja percebendo no ar o que está acontecendo, a gente nunca imagina que vai ocorrer com a gente e sim com outros. A segun-

dias houve transformações nas relações entre as pessoas de diferentes tendências e categorias, sendo que a maioria delas não sabia nada exatamente da existência do outro.

O livro, às vezes, parece mesmo um roteiro para cinema...

SM: A crítica tem observado a influência do cinema na minha obra literária. Alguns capítulos com um pouco mais, daria um curta. A proposta não é fazer um filme, mas procurar visualmente transmitir aquilo que eu estava vivendo junto à comunidade que me rodeava, né.

Você chorou durante os 48 dias de prisão?

SM: Aparentemente, eu sou uma pessoa fria, racional, mas sou muito emocional, sabe! Eu tive

O autor

Biografia: Salim Miguel nasceu em Kfarscuroun, Líbano, no dia 30 de janeiro de 1924. Em maio de 1927, sua família chegou ao Brasil. É atualmente o superintendente da Fundação Franklin Cascaes da prefeitura de Florianópolis.

Osmar Gomes

Em "1: de Abril — Narrativas da Cadeia", seu décimo-segundo livro, que novidades sobre o golpe militar de 64 é trazida?

Salim Miguel: Na verdade, esse

diário não foi escrito para ser publicado. Durante 30 dias, estivemos incomunicáveis. Nosso contato se restringia a conversa com os guardas, oficial e demais companheiros de prisão. Havia 60 presos no Quartel da Polícia Militar em determinado momento. Embora incomunicável, a gente podia receber roupa de casa. Em 91, quando me aposentei, resolvi dar início a projetos livres anotados. Fiz dois.

Essas anotações ficaram no fundo da gaveta durante todo esse período sem qualquer releitura?

SM: Chegaram a me acompanhar para o Rio de Janeiro, onde morei durante alguns anos. Nunca voltei a elas. a não ser em 91.

Por quê?

SM: Eu não queria voltar para aqueles momentos. Foram momentos de tensão. Numa madrugada, por exemplo, eles me tiraram do quartel e começaram a circular por Florianópolis e até fora da cidade. Na ponte Hercílio Luz, um soldado perguntou para o outro qual seria o impacto de um corpo jogado dali. O outro dizia: "só jogando pra ver".

Você compara esse processo ao próprio Kafkaniano narrado em "O Processo". Há semelhanças na tensão?

SM: É lógico. É uma coisa kafkiana. Estar com dois soldados. Um na direção e outro armado do seu lado.

Mas qual é a sugestão do livro no que diz respeito à narrativa?

SM: Eu resolvi retomar o projeto de livro num momento em que no eixo Rio/São Paulo tinham sido publicados livros do Gabeira (Fernando Gabeira) e do Álvaro Caldas, todos sobre 64 no eixo Rio/São Paulo. Fora desse circui-

em não fazer um diário, reunião de memórias ou depoimentos. Quis retrabalhar ficcionalmente os fatos reais daqueles 48 dias. O livro todo foi narrado na segunda pessoa. Percebi que havia blocos compactos que poderiam ser publicados ou lidos independentemente e também vi que um bloco se fechava no seguinte.

Há liberdade na pontuação?

SM: Por um simples motivo: é mais a maneira como eu estava vendo os outros presos do que eles estavam propriamente dizendo, embora na minha maneira de narrar haja um período que não contenha nem ponto nem vírgula. É a maneira como um dos presos falava. Um jorro contínuo sem pontuação. Procurei recuperar isso, embora seja num tratamento ficcional.

Agora, a questão de transformar esse diário em ficção baseada em fatos reais no momento em que há a marca de 30 anos do golpe militar está vinculada a uma possível volta dos militares?

SM: Eu acho que não há condições neste momento. Ainda está muito presente na sociedade, até mesmo nos jovens informados, tudo o que ocorreu. A data redonda coincide também como o tato de eu estar, na época, com 40 anos e hoje estar com 70.

Quando a Editora José Olympio aceitou publicar, eu achei que seria oportuno em 1994, por causa desses motivos. Eu pensei em fazer o lançamento no dia 2 de abril, dia em que fui preso em 1964. Acontece que não haveria condições porque era semana da Páscoa e eu resolvi esperar mais um pouco. O livro será lançado também em Brasília, no dia 5 de maio.

Como você foi preso?

SM: No dia 2, pela manhã, estava trabalhando e preparava uma abertura e um último comunicado do governador Celso Ramos sobre a situação em Santa Catarina. Saí da assessoria, lá para a agência do Correios, quando, no meio da praça XV, resolvi tomar um cafezinho no Ponto Chic. Estava tomando o cafezinho, vi o Ponto Chic sendo cercado por policiais e um comissário me informou que era para eu acompanhá-lo para falar com o secretário de Segurança Jader Magalhães. Ingenuamente, eu respondi que não tinha

missário, então, disse que eu não estava entendendo e afirmou que eu estava detido. Eles nunca usavam a palavra preso. Era detido para informações. Isso terminou num bate-boca. No capítulo "A Prisão", eu digo que ao invés de um bate-boca, mais adiante, eles teriam me moído a pancadas.

No início da narração, você usa a palavra perplexidade com várias conotações. Coloca-a até em caixa alta. Qual a razão?

SM: São duas vertentes que a palavra perplexidade tem. A primeira é que por mais que a pessoa esteja percebendo no ar o que está acontecendo, a gente nunca imagina que vai ocorrer com a gente e sim com outros. A segunda já é uma reflexão em cima do que vai acontecendo. Quando passei a trabalhar o diário, eu percebi que era tão ingênuo ao ponto de imaginar que nunca aconteceria comigo o que houve no dia 2 de abril.

Você sentiu medo de ser morto?

SM: Não houve, no meu caso, tortura física. Nem com outros, que em certo momento eram cerca de 60 pessoas. Houve apenas tortura psicológica, às vezes tão violenta quanto a física.

Na epígrafe do livro você comenta sobre a obra "Memórias do Cárcere", de Graciliano Ramos. Esse livro lhe inspirou?

SM: Minha preocupação era fazer alguma coisa que fugisse a "Memórias do Cárcere". O primeiro título desse meu livro era "Memórias do Medo", título muito forte. Eu desisti desse título por dois motivos. Primeiro porque sugeria aproximação com "Memórias do Cárcere". Também porque o Eduardo Galeano, quando "1: de Abril-Narrativas da Cadeia" já estava na José Olympio, publicou no Brasil um livro chamado "Memórias do Medo". Eu e a editora optamos pelo título 1: de abril, mostrando que os 20 anos em que os militares pensaram em recuperar esse País foram, na verdade, um 1: de abril.

Além da inovação estética, o que você pretende passar para o leitor como conteúdo?

SM: Primeiro, quero passar que não se inventou ainda um regime melhor do que a democracia. Quando falo em democracia, excluo a esquerda ou direita. O segundo item é mostrar em que 48

lações entre as pessoas de diferentes tendências e categorias, sendo que a maioria delas não sabia nada exatamente da existência do outro.

O livro, às vezes, parece mesmo um roteiro para cinema...

SM: A crítica tem observado a influência do cinema na minha obra literária. Alguns capítulos com um pouco mais, daria um curta. A proposta não é fazer um filme, mas procurar visualmente transmitir aquilo que eu estava vivendo junto à comunidade que me rodeava, né.

Você chorou durante os 48 dias de prisão?

SM: Aparentemente, eu sou uma pessoa fria, racional, mas sou muito emocional, sabe! Eu tive três momentos de choro que não consegui conter. O primeiro foi depois de eu estar preso e incomunicável, um amigo meu que trabalhava no governo conseguiu do comandante da Polícia Militar cinco minutos para falar comigo. Quando ele entrou, eu me contive. Não foi medo, não foi pavor, não foi nada. Foi sentir que tinha alguém lá fora que estava preocupado com a minha situação. Outra vez foi quando caiu a incomunicabilidade e eu me reencontrei minha família. A terceira foi quando fui solto e cheguei em casa. A saída foi um negócio também curiosíssimo. Eu estava jantando no refeitório do quartel da PM, quando um oficial me chamou. Perguntei o que era. Ele me disse eu poderia ir embora. Eu não acreditei. Ele me informou que um telegrama havia chegado ao Rio solicitando a minha liberdade. Vi o negócio. Todo mundo começou a gritar para eu jantar. Estão malucos, eu disse, já pensou se chega outro telegrama pedindo para eu ficar... (risos). Trouxe comigo o garfo e a faca como lembranças. Até hoje os mantenho na minha sala de trabalho.

O que mudou em sua vida após sair da prisão?

SM: Voltei ao trabalho na agência, mas componentes novos existiram. Foi aí que fui chamado ao Rio de Janeiro e passei a trabalhar lá após conversar com o diretor da agência nacional. Eu fui saber, nesses momentos, que o escritor Marques Rebelo e o Adonias Filho lutaram pela minha liberdade.

Osmar Gomes é repórter de A NOTÍCIA na Sucursal de Florianópolis.

O autor

Biografia: Salim Miguel nasceu em Kfarscuroun, Líbano, no dia 30 de janeiro de 1924. Em maio de 1927, sua família chegou ao Brasil. É atualmente o superintendente da Fundação Franklin Cascaes da prefeitura de Florianópolis.

Bibliografia: Romances — "Rede" (Florianópolis, Editora Sul, 1955), "A Voz Submersa" (São Paulo, Global, 1984), "A Vida Breve de Sezefredo das Neves, poeta" (Porto Alegre, Tchê, 1987), "O Primeiro Gosto" (Porto Alegre, Movimento, 1973), "A Morte do Tenente e Outras Mortes" (Rio de Janeiro, Antares, 1979), "Dez Contos Escolhidos" (Brasília, Horizonte, 1985), "As Areias do Tempo" (São Paulo, Global, 1988). Contos — "Velhice e Outros Contos" (Florianópolis, Editora Sul, 1951), "Alguém Gente" (Florianópolis, Editora Sul, 1953). Cinema: "O Preço da Ilusão" (primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina), com argumento e roteiro em colaboração com sua mulher Eglê Malheiros, Florianópolis, 1962), "O Caminho Certo" (documentário, Florianópolis, 1958), "Santa Catarina, 62" (documentário, Florianópolis, 1962), "Vale o Progresso" (documentário, Florianópolis, 1964), "A Cartomante" (baseado em conto de Machado de Assis, em colaboração com Eglê Malheiros e Marcos Faria, Rio de Janeiro, 1964) e "Fogo Morto" (baseado no romance de José Lins do Rego, em colaboração com Eglê Malheiros e Marcos Faria, Rio de Janeiro, 1976).

"Eu era na época um homem de esquerda. Nunca pertenci a um partido político, embora minhas idéias eu não tinha o porquê de negá-las. Na época, eu era o chefe da Agência Nacional de Santa Catarina, que era o órgão de divulgação do governo federal, hoje Radiobrás, e também fazia assessoria para o governo do Celso Ramos".

64: Os anos de chumbo em Santa Catarina

O livro é o relato autobiográfico da experiência do escritor nos porões da ditadura

Carlos Damião

Trinta anos depois do golpe militar de 1964, o escritor Salim Miguel resolve contar, em livro, a sua desagradável experiência nos porões da ditadura. "Primeiro de Abril — Narrativas da Cadeia" (José Olympio), que o ficcionista catarinense lança nesta terça-feira, às 20h30min, no restaurante Reçaka, é o relato de um pesadelo que durou 21 anos para Salim, e para todos os outros democratas brasileiros, que sofreram na carne os horrores da perseguição política despropositada e cruel.

Salim não foi apenas silenciado. Como outras milhares de pessoas em todo o país, acabou preso logo no segundo dia do golpe, à saída do tradicional café Ponto Chic. Amargou 48 dias na prisão, junto com um grupo de catarinenses — gente de variadas profissões e tendências ideológicas, todos acusados de subversão. A rigor, ninguém que representasse risco à segurança nacional. Mas o regime, com a sua face dura e intransigente, já mostrava as poderosas garras da intolerância.

O livro é o relato autobiográfico e angustiado desta experiência traumática, que ganhou a indignação de Salim e de todos os que a vivenciaram. Mas demonstra — e para isso o talento ficcional de Salim é precioso — que a cadeia injusta serviu também para forjar o temperamento de



Arquivo

Em "Primeiro de Abril" Salim Miguel revela, entre outras coisas, os efeitos do golpe foram no eixo Rio-São Paulo

resistência e revolta contra os pretensos salvadores da pátria travestidos de cordeiros.

Por se tratar de uma obra autobiográfica, "Primeiro de Abril" não poderia deixar de nos apresentar nomes autênticos de personagens que fizeram a História do período. Este dado adquire relevância, à medida em que empresta ao tom ficcional da narrativa uma dose da realidade incontestável ao que houve naqueles dias de abril. Estão presentes, ao lado do personagem central (Salim aparece na segunda pessoa no texto), os presos políticos, seus inquisidores e os mandantes que representavam o gol-

pe de estado em Santa Catarina.

Desnecessário dizer — pela obviedade — que a obra de Salim apresenta-se como a primeira a desfiar, detalhe a detalhe, como se processou a instauração do regime militar na terra catarinense.

Além disso, possui o incontestável valor literário, tanto na construção do ambiente quanto a elaboração dos personagens, principalmente da dura constituição psicológica do personagem central — um dos seres angustiados com a violência e o despropósito da kafkiana situação em que se viu envolvido (Salim nunca foi militante orgânico de

qualquer partido, embora tenha uma vida marcada pelas posições progressistas e francamente contrárias ao autoritarismo).

A aventura de ler "Primeiro de Abril" pode não ser das mais alegres — mas é, sem dúvida, auspiciosa pelo que formula em termos de contribuição à memorialística brasileira, notadamente a que se ocupa deste período nebuloso e cruel da História do país. É obra que se lê de um sorvo, com a sensação, ao final, de que emergimos de um pesadelo. Pesadelo do qual Salim e tantos outros conseguiram sobreviver para testemunhar.

LIVRO

As memórias do cárcere da ditadura

Primeiro de abril, de Salim Miguel, será lançado hoje

REGINA DALCASTAGNE
Especial para o **Correio**

Dois de abril de 1964. Vitorioso, o golpe militar impõe sua "ordem" por todo País. Também a pequena Florianópolis caça os seus "subversivos". Um deles é o escritor e jornalista Salim Miguel, que iria passar 48 dias na prisão por conta de suas convicções políticas. Trinta anos depois, a experiência é contada em *Primeiro de abril; narrativas da cadeia*, livro publicado pela editora José Olympio que o escritor está autografando hoje, à partir das 19 horas, na Livraria Presença do Conic.

O livro começou a ser escrito naqueles dias mesmo, dentro da prisão, como um diário que só tomaria forma três décadas depois. Ali, estão os interrogatórios, a tortura psicológica, o medo e a solidariedade, o desamparo dos presos e a angústia das famílias. Mas o relato não se res-

tringe ao cárcere, sequer possui a estrutura de um diário. Narrado na segunda pessoa do singular, no tu característico do sul, o livro passeia um pouco pelo tempo, junto com um protagonista que vez ou outra precisa se refugiar na memória.

Assim, *Primeiro de abril* traz também lembranças da Florianópolis pré-golpe, com seus boêmios e fofaqueiros que se reuniam em torno da velha figueira da praça XV. Relata o drama da família do escritor, cuja mulher, a professora e escritora Eglê Malheiros, foi colocada em prisão domiciliar. E avança até os anos 70, quando Salim Miguel já reside no Rio de Janeiro — a família se mudou em

1965, numa espécie de "exílio interno" — e trabalha como repórter da revista *Manchete*.

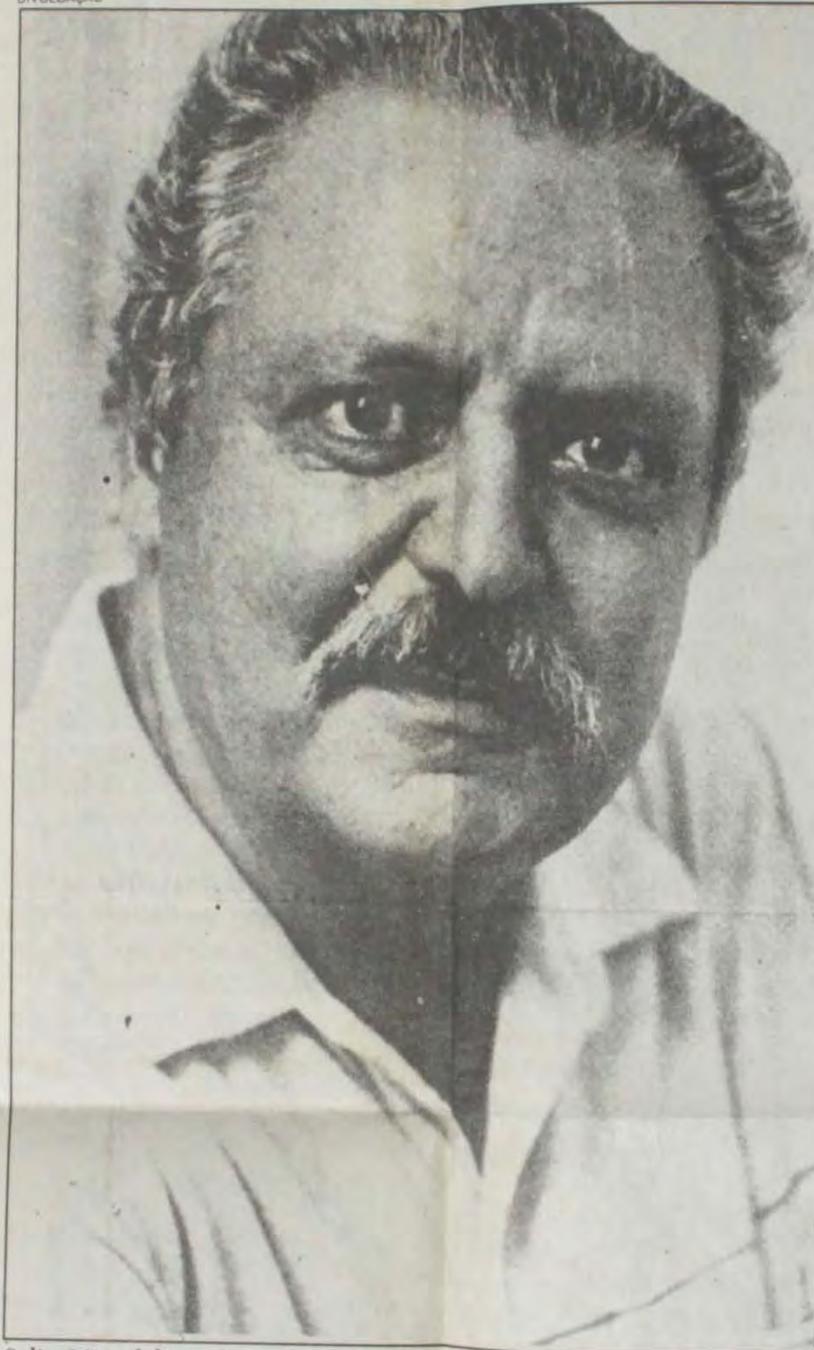
Aos 70 anos de idade, autor de 11 outros livros, Salim Miguel é hoje superintendente da fundação cultural de Florianópolis. Ao retornar ao tema da ditadura de 64 — que abordara antes no romance *A voz submersa* (Global, 1984), uma das mais importantes obras de ficção sobre o regime militar — ele mantém a coerência e a dignidade que marcam sua obra e sua vida.

Correio Brasiliense — *Por que só agora, passados 30 anos e depois de ter tratado o tema da ditadura em outros romances e contos, você resolveu escrever esta história?*

Salim Miguel — A diferença básica é que não fiz o diário de prisão para ser publicado. Pelo menos conscientemente. Talvez, bem lá no fundo, de forma inconsciente, pudesse pensar em mais adiante dar meu recado, mostrar de que maneira se passaram aqueles dias tur-

vos, de pesadelos e inquietação, onde não se sabia o que poderia ocorrer dali a pouco, nem onde todos nós poderíamos estar, já que boatos fervilhavam. Naquele momento o diário era uma espécie de descarga das tensões acumuladas. Não bastava ler, ouvir música, conversar, discutir, brigar, caminhar de um lado para o outro no alojamento, debruçarmo-nos às janelas para observar os passantes. Se eu tivesse pensado em publicar logo, o texto viria carregado de raiva e mágoa. Moacir Werneck de Castro, na "orelha", sintetiza tudo isto quando diz: "O parto precoce faz mal ao produto literário, que precisa de um distanciamento capaz de evitar os ex-

DIVULGAÇÃO



Salim Miguel: livraria queimada e 48 dias "intermináveis" na cadeia

cessos da paixão e o gosto da simples vindita". Durante 28 anos o diário esteve perdido numa gaveta. Dele não queria me lembrar, tentando elidir o que passei. Impossível. Sem motivo aparente, uma parcela daqueles 48 dias (ou das consequências dali advindas) vinha à tona. Em 1992, resolvi trabalhar em cima do diário.

Correio — *Por que você optou pe-*

la narração na segunda pessoa?

Salim Miguel — Fiz várias tentativas frustradas na primeira pessoa, na terceira, numa linguagem mais direta e crua, na pura transcrição das anotações. Não me satisfiz. A primeira pessoa me aproximava demais do acontecido, quem sabe manipulando-o, afastava os companheiros de prisão, a ter-

ceira dava um distanciamento que não refletia nem transmitia minhas reações nem as dos demais. Optei por um artifício, a segunda pessoa, onde ao mesmo tempo era eu e não era eu, eram os outros mas não eram bem os outros.

Quais os motivos de sua prisão?

— Vários. Assinalaria quatro: ser um homem de esquerda, embora sem nunca ter pertencido a qualquer partido político (era chamado de comunista, até de dirigente do partidão, sem nunca me preocupar em desmentir), ser à época chefe do escritório da Agência Nacional, órgão de divulgação do governo federal, ter sido sócio de uma livraria que vendia, também, livros de esquerda (embora não fosse mais minha continuava sendo chamada "a livraria do Salim", e por isso foi queimada enquanto estive preso), e porque havia participado intensamente de um movimento cultural amplo, conhecido como Grupo Sul, que questionava os falsos valores, deixando ressentimentos. Posso acrescentar também que não perdia uma discussão ou briga literária.

Como transcorria o tempo dentro da prisão?

— A categoria "tempo", como a conhecemos, inexiste numa prisão. É necessário recriá-la. Não tenho como classificá-la. Havia dias em que nem bem acordava e o tempo físico se precipitava, já a noite se projetava para todos nós. Em outros dias, ele pingava grosso, gota a gota, não passava, eu olhava para o relógio e não percebia o caminhar dos ponteiros, lento-irritante, ficava estático olhando para os outros. Digo em certo trecho que o tempo era, por igual, segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, séculos. Nem isto é bem verdadeiro. Não é assim que ele pode ser medido numa prisão. São sensações difusas, torturantes. Só sei que meus 48 dias foram intermináveis. Vendo-os da distância de 30 anos afirmo que me marcaram como nada mais me marcou na vida.

"A categoria tempo, como a conhecemos, inexiste na prisão"

reta". O baiano João Cabral de Melo Neto sua tristeza com a morte do poeta. "Era espontâneo, ingênuo e engenhoso. Nunca o conheci, mas simpatizava com ele. Foi uma perda".

Ironia — Autor de mais de 27 obras, tradutor pela Editora Globo de obras de Marcel Proust, Virginia Woolf, entre outros escritores famosos, Quintana era celebrado pela sua clássica ironia e refinamento poético com que lidava com as palavras. Uma expressão, uma observação, um simples comentário eram postos imediatamente ao elogio público. Como esta tirada, por exemplo, que virou poesia: "Todos esses que aqui estão atravancando o meu caminho, eles passarão... eu passarinho".

Uma das melhores referências para a obra de Quintana foi o *Caderno H*, que ele assinaria na *Revista Província de São Pedro* a partir de 1946. Dali, seus versos, crônicas, pequenas narrativas passariam para as páginas do *Correio do Povo*, também de Porto Alegre. Em ambos, escreveu por quatro décadas.

Alcool — No jornalismo, encontrou a vocação correspondente para a sua boemia, seu hábito de dividir a poesia com o café e a bebida. Nunca se preocupou com saúde. Nos anos 60 chegou a ser retirado da calçada com coma alcohólico. Mais uma vez, a poesia o salvou. Os anos 80 encontraram-no sem casa. Quintana pulava de hotel em hotel com a ajuda de amigos. O que não o incomodava. Achava graça.

Nessa mesma década, sua produção sofre um novo impulso. Escrevia livros infantis e até ganhou uma parceria musical com Caetano Veloso, a quem dedicou o poema *Pequena Crônica Policial*. Sempre às voltas com problemas de saúde (gastrite, desidratação), Quintana começava a ser redescoberto. Na década de 90 publicou uma de suas últimas obras, *Velório Sem Defunto* e recebeu homenagem aos seus 84 anos inaugurando a Casa de Cultura Mário Quintana.

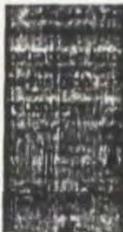
de Sapato Florido, de 1947. Vieram depois O Batalhão das Letras (1948), Espelho Mágico (1948), Aprendiz de Feiticeiro (1950), Inéditos e Esparsos (1953), Poesias (1962). Em 1966, com a publicação de *Antologia Poética* recebe o prêmio Fernando Chinaglia. Seus livros de prosa são frequentemente poéticos e vice-versa. Um exemplo é *Caderno H* (1973), que reúne textos que o poeta vinha publicando desde 1943 na revista *Província de São Pedro*.

Pé de Pilão chega em 1975, seguido por *Apontamentos de História Sobrenatural* (1976), *Quintanares* (1976), *A Vaca e o Hipogrifo* (1977), *Prosa e Verso* (1978), *A Volta da Esquina* (1979). Em 1980, lança *Escondidos do Tempo*, recebendo o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.

Em seguida, publicou: *Nova Antologia Poética* (1981), *Mário Quintana Literatura Comentada* (1982), *Lili Invento o Mundo* (1983), *Nariz de Vidro* (1984), *80 Anos de Poesia* (1986), *Bau de Espantos* (1986), *Da Preguiça Como Método de Trabalho* (1987), *Porta Giratória* (1988) e *Velório Sem Defunto* (1991).

1882 a 1897. Destaque para *D. Benedita e Missa do Galo*.

Retratos e Fatos da História Recente — De Carlos Castelo Branco, Editora Revan, 208 páginas, 14,70 URVs. O livro reúne 40 perfis de personalidades da vida



pública, editados pela *Coluna do Castelo*, a qual era reproduzida inclusive no *Diário*. O jornalista morreu em 1993.

mais vendido na França.

Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeira — De Salim Miguel. Editora José Olympio, 129 páginas, 10,70 URVs. Romance que conta a história do regime militar de 1964 sob a

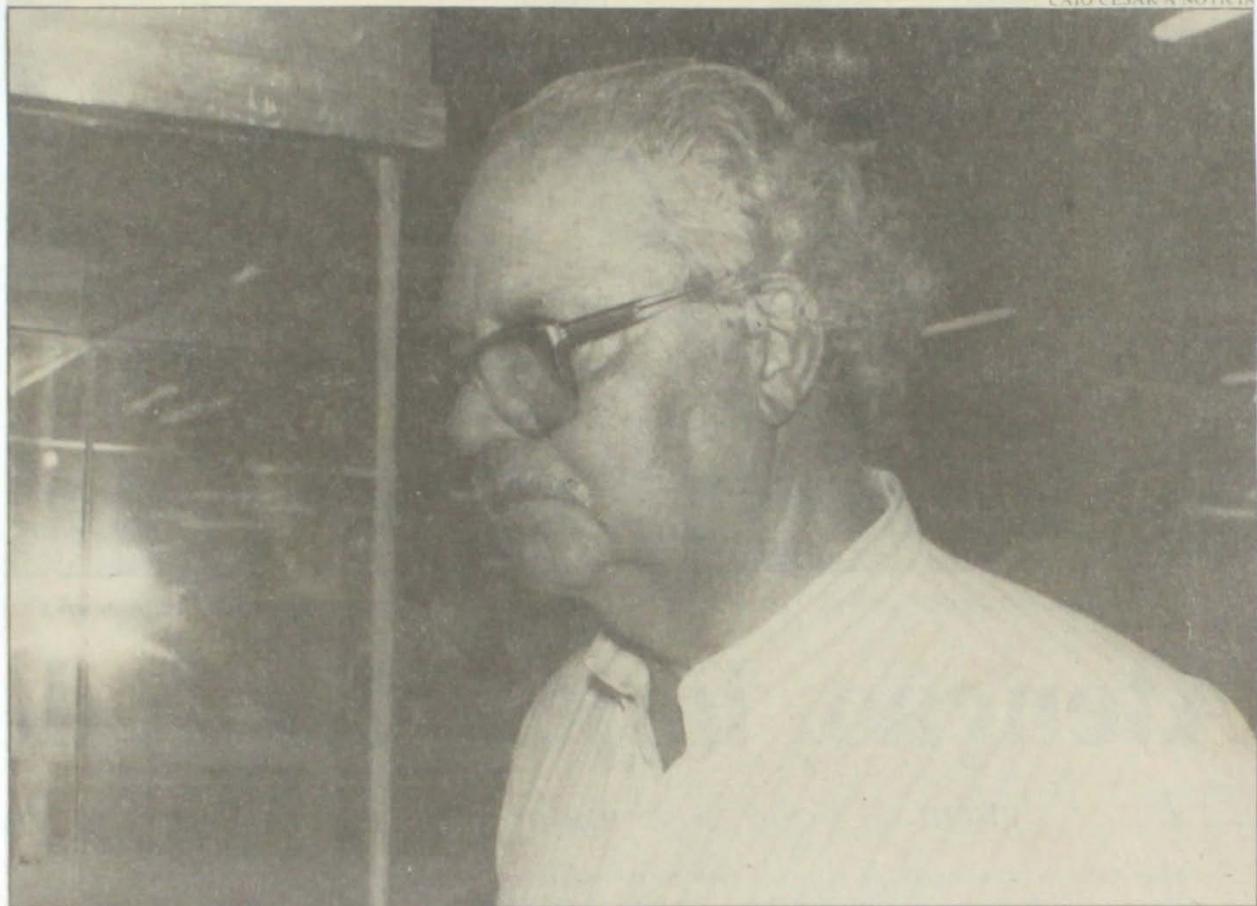


ótica das vítimas. O autor narra os sombrios fatos ocorridos na época através do relato de dois personagens.

DIÁRIO DO GOR AP

Sto Anselmo - SP

7/1954



Todo mundo reconhece: a cultura florianopolitana e catarinense deve muito ao obstinado Salim Miguel

O café, tradicional ponto de encontro no centro da cidade, está cheio. Os boatos políticos sempre foram o tema da conversa, mas agora a ocasião é a mais propícia. O país ferve (embora a cidade, pequena, nem tanto): Goulart caiu, os militares tomaram o poder. E de repente, sem que os frequentadores se tenham dado conta, a crise nacional se aproxima deles, palpável e fardada. O café está cercado por policiais. O comissário se dirige a um dos clientes, que nem tivera tempo de sorver sua xícara. Era o dia dois de abril de 1964. O escritor e jornalista Salim Miguel se tornava, naquele momento, um dos primeiros presos políticos de Florianópolis.

Foram necessários trinta anos para que o escritor se dispusesse a voltar a percorrer aqueles dias, tentar tomar ainda aquele café que ficou para trás, ser outra vez encarcerado, atravessar de novo a revolta, o medo, a perplexidade. O resultado desse doloroso percurso é um pequeno livro, denso, terrível pelo que transporta em si, mas ainda belo, como deve ser toda arte literária. **Primeiro de abril**, que acaba de ser lançado pela editora José Olympio, narra os quarenta e oito dias que Salim Miguel passou preso, aflito por não saber o que acontecia do lado de fora da prisão, aflito pelo pouco que podia adivinhar através das conversas dos guardas.

MEMÓRIA

O livro, amadurecido pelo tempo, não é um simples "depoimento" e tampouco se trata de um diário da cadeia, apesar de ter nascido lá dentro mesmo - esparsas anotações que serviam, antes de mais nada, para fazer correr o tempo. **Primeiro de abril** é, fundamentalmente, memória. O tema não é novo na obra de Salim Miguel. Autor de onze outros livros, é fácil identificar em meio a suas narrativas a paixão pela memória, pelo tempo, elementos que formam o arcabouço de sua obra. Mesmo a ditadura já havia sido abordada antes por Salim Miguel, no romance **A voz submersa**, uma das mais significativas obras sobre o regime militar. Mas é a primeira vez que ele se faz personagem de seu próprio drama.

Narrado na segunda pessoa do singular, no **tu** característico do

sul, que dá sabor ao livro, **Primeiro de abril** não se restringe àqueles quarenta e oito dias de cárcere. Junto com o seu protagonista ele se desloca no tempo, vai e volta - atravessa a Florianópolis pré-golpe, com seus boêmios e fofoqueiros que se reuniam em torno da velha figueira da praça central; abandona o escritor para ir até a sua casa enquanto ele estava preso, acompanhar o drama de sua família, de sua mulher, a professora e também escritora Eglê Malheiros, em prisão domiciliar; avança até os anos 70, quando Salim Miguel já reside no Rio de Janeiro - a família se mudou em 1965, num espécie de "exílio interno" - e trabalha como repórter da revista **Manchete** .

TRAVESSIA

Para um livro de "narrativas da cadeia", **Primeiro de abril** possui uma extraordinária liberdade de movimento. A imaginação de Salim Miguel obviamente não se deixou enclausurar. Talvez o melhor momento do livro seja o capítulo chamado "Passeio", quando o escritor é colocado num carro com alguns soldados e levado para dar uma "volta" pela cidade. Durante o trajeto, ele se refugia na memória, lembra a infância em meio aos livros, a adolescência livre, as ruas, as conversas com os amigos, as histórias dos pescadores. Ao atravessar a ponte que liga a ilha de Santa Catarina ao continente, suas lembranças são interrompidas por uma frase: "será que alguém sabe a altura exata da ponte até o mar e o impacto de um corpo na água?". O medo o faz voltar outra vez no tempo, visitar velhos conhecidos, gente que já havia virado personagem em seus livros. A memória mostra, aí, um poder que certamente o escritor ainda não tinha descoberto.

Cada capítulo de **Primeiro de abril** possui um desenvolvimento próprio, o que possibilita, inclusive, uma leitura em ordem diferente daquela proposta pelo autor. Além dos fatos que relata, o livro é também um apanhado de emoções, de sentimentos. Como trazer de volta um tempo sem que se traga junto as reações que ele provocou? Medo, raiva, solidariedade, perplexidade - é isso que dá autenticidade ao livro de Salim Miguel. Escritor experiente e sensível, ele não se

deixa apanhar pela armadilha fácil do sentimentalismo, apenas convida o leitor a acompanhar o drama de um outro, com a intensidade e o calor que só a vida, ou a arte, pode oferecer.

COMPANHEIROS DE PRISÃO

Salim Miguel nasceu no Líbano, em 1924, veio para o Brasil aos três anos de idade e cresceu na pequena Biguaçu, a poucos quilômetros de Florianópolis. Agitou a capital catarinense nos anos 40, fazendo chegar lá, com duas décadas de atraso em relação à São Paulo, o movimento modernista. Junto com o que ficou conhecido como o Grupo Sul, ajudou a renovar o teatro, as artes plásticas, a música e a literatura no Estado. No final dos anos 50 se aventurava também no cinema e, ao lado da mulher, a escritora Eglê Malheiros, produziu o primeiro e único longa-metragem já realizado em Santa Catarina - **O preço da ilusão** .

Nunca foi filiado ao Partido Comunista, ao contrário de sua mulher, mas sempre foi um homem de esquerda, coerente com seus ideais e seus princípios. Na prisão, dividiu espaço e angônia com quase sessenta homens - líderes sindicais, estudantes, médicos, operários, advogados, até um ou outro boa-vida, jovens e velhos que são retratados de forma quase sempre carinhosa, ainda que o jeito tímido do escritor não permitisse, à época, uma aproximação maior. Alguns desses homens crescem extraordinariamente ao longo da narrativa, transformando-se em personagens fortes, umas tristes e angustiadas, outras alegres apesar de tudo. **Primeiro de abril** parece uma homenagem a esses homens arbitrariamente reunidos no outono de 64.

CUMPLICIDADE

Fino observador dos tipos que o cercavam, Salim Miguel não foi menos perspicaz diante de suas próprias reações. Do livro não emerge um herói, nem mesmo uma inconsolável vítima. Ele se mostra como um homem perplexo, às vezes assustado, às vezes revoltado, nem sempre cauteloso ou bem-humorado. Talvez justamente por isso se faça tão humano, permitindo ao leitor uma aproximação solidária, que privilegia a cumplicidade em detrimento da piedade. Nos interrogatórios, no automóvel em meio à ameaça de morte, na prisão

mesmo, enquanto acena para a família pela janela, em suas escapadas imaginárias pelas ruas da cidade, em cada nova história que recolhe entre os presos Salim Miguel carrega consigo um leitor atento. É difícil abandoná-lo depois de virar as primeiras páginas.

Primeiro de abril não é exatamente um livro fácil. Possui um estilo apurado, cheio de idas e vindas, uma ironia fina, e um humor às vezes cáustico, outras sutil ou simplesmente divertido. Mas é sempre envolvente. Salim Miguel fez mais do que contar sua história, ele devolveu a ela a dimensão que sempre teve, mas que foi camuflada nas duas décadas de opressão e arbitrariedade que se seguiram. É por isso que o leitor, ao final do livro, quando o escritor, liberto, volta correndo feito louco para casa, ainda sente um gosto amargo na boca - a certeza de que muito ainda estava por vir.

Primeiro de abril: narrativas da cadeia - Salim Miguel. Rio de Janeiro, José Olympio/Editora da UFSCar, 118 páginas.



A fogueira

Cecília Zokner [21/01/2006]

Ao contar, em Primeiro de abril: narrativas da cadeia, a sua experiência com o preso político em 1964, Salim Miguel entrelaça o tempo e as vozes do relato, recursos que remetem ao ficcionista que ele é, autor de romances (Rede, A voz submersa, A vida breve de Sezefredo das Neves) e de contos

(Velhice e outros contos, Alguma gente, O primeiro gosto, A morte do tenente e outras mortes, As areias do tempo). Como o subtítulo deste seu livro, publicado pela José Olympio em 1994, o indica, trata-se de uma obra feita de textos unidos por um fio condutor, mas que podem ser independentes entre si: são dezesseis capítulos ou módulos autônomos como os define Moacir Werneck de Castro. Relatam a sua prisão no dia primeiro de abril de 1964, o seu cotidiano na cadeia, o interrogatório a que foi submetido e o que ocorreu quando foi posto em liberdade: a alegria de sair da cadeia, a constatação de que existem vários tipos de liberdade. Três deles descrevem os tipos com os quais conviveu no alojamento em que ficaram confinados.

Um depoimento sobre o que foi apenas o incipiente começo das práticas que iriam ocorrer depois: interrogatórios baseados na tortura, violências, desaparecimentos, mortes. Porque Salim Miguel permaneceu na cadeia quarenta e oito dias, o que, em relação com outros presos políticos do período ditatorial, foi uma pena leve, o que não significa ter se constituído, para o indivíduo que nenhuma infração havia cometido a não ser a de possuir idéias próprias, um castigo injusto e inaceitável: ser privado da liberdade sem culpa formada e por elementos que não sabiam exatamente o porquê do que estavam fazendo e comandados por outros que tampouco possuíam condições de mensurar seus próprios atos e agiam sob o impulso da obediência cega e servil, não tendo como justificativas mais do que uns gastos chavões.

Um dos capítulos tem por título "A fogueira" e trata não de uma fogueira qualquer, mas da que foi alimentada por livros considerados grandes inimigos do sistema, uma vez que seus esbirros eram incapazes de discernir conteúdos e muito menos de aceitar que pudessem existir formas diferentes de pensar que não a deles, calcadas somente em algumas poucas frases.

Quando os livros foram queimados, a notícia se espalhou por ouvir

dizer e, talvez, nem tenha sido veiculada pelos meios de comunicação. Assim, o testemunho de Salim Miguel sobre o "espetáculo insano e macabro", ainda que tenham se passado quatro décadas, é estarrecedor. A Livraria Anita Garibaldi, situada no centro de Florianópolis, que havia sido de sua propriedade, foi arrombada, centenas de livros jogados na rua e queimados. Confundindo-se no fogo que os consumia, O capital de Karl Max, A capital de Eça de Queirós, O vermelho e o negro de Stendhal e Seara Vermelha de Jorge Amado, Memórias do cárcere de Graciliano Ramos, O príncipe de Maquiavel, Pinocchio de Collodi, O livro dos médiuns de Allan Kardec, Pintura quase sempre de Sérgio Millie. As palavras de ordem "comandam, provocam, açulam, buscam incentivar [...] a que mais livros sejam trazidos, jogados no fogo pois nenhum deles deve sobrar.

Salim Miguel, preso, não soube de que maneira começara o fogo, nem o tempo que havia durado, consumindo as obras mais diversas. Atraídos pelas chamas e pela fumaça e palavras de ordem, o número de curiosos aumenta. Uns, sem entender, se mostram indiferentes diante das chamas; outros, indignados, sentem-se impotentes; poucos, esboçam um gesto de repulsa. De inegável, apenas, o momento de trevas, buscando estabelecer o fim da liberdade de expressão e do direito de escolha. E a notícia do crime, retransmitida de boca em boca, em meio ao terror, de vento em vento levada para longe.

No cenário, ficaram as cinzas. E a pergunta, pertinente, imprescindível: "Será mesmo que os infelizes acreditavam que a força do fogo seria suficiente para extirpar a força das idéias?"